

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

36

Família e Catequese

Educar - propor o caminho para uma vida plena [9-12]

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOCTRINA DA FÉ

Homilia da Eucaristia de abertura da Semana Nacional da Educação, na sé catedral de Angra [13-16]

D. JOÃO LAVRADOR

Homilia da Eucaristia de encerramento da Semana Nacional da Educação, na sé de Santarém [17-20]

D. MANUEL PELINO

Maria: Mãe, Discípula e Educadora [23-35]

D. ANTÓNIO MARTO

“A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja” [37-54]

JOSÉ EDUARDO BORGES DE PINHO

A exortação «Amoris laetitia»: leitura pedagógica [55-66]

P. MANUEL QUEIRÓS DA COSTA

**A Família como fermento evangelizador
da sociedade [67-75]**

JOÃO MANUEL DUQUE

Viver a espiritualidade mariana em família [77-86]

ANA ALEXANDRA E NUNO PRAZERES

Edição e Propriedade**SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ**

Contribuinte: 501104038

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55

E-Mail: snec@snec.pt

Diretor

Acácio José Pereira Lopes

Conselho de RedacçãoManuel Pelino Domingues, Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos,
António Moiteiro Ramos, Nuno Brás Martins, Cristina Sá Carvalho.**Sede da Redacção**

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

XXXXX exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 6 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Ideografia

Aristides Dourado

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

Depósito legal

00000000

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas

Editorial

DIÁC. ACÁCIO JOSÉ PEREIRA LOPES (*)

Dedicamos o presente número da «Pastoral Catequética» exclusivamente a um conjunto de textos e comunicações apresentados por ocasião da Semana Nacional da Educação Cristã, que decorreu de 21 a 30 de outubro de 2016.

Na primeira parte, reproduzimos a **Nota Pastoral** publicada pela Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé e levamos ao conhecimento dos nossos leitores as **homilias** das Eucaristias de abertura e de encerramento da referida Semana Nacional, proferidas, respetivamente, por D. João Lavrador na Sé de Angra e por D. Manuel Pelino Domingues na Sé de Santarém.

Na segunda parte da revista publicamos as diversas comunicações apresentadas durante as **Jornadas Nacionais de Catequistas**, que se realizaram em Fátima nos três últimos dias dessa mesma Semana Nacional, e que tiveram como temas: **Maria**, enquanto **Mãe, Discípula e Educadora** e **Família**, enquanto **lugar da transmissão da fé e fermento evangelizador da sociedade**.

Dado o rigor das fundamentações e a clareza das exposições realizadas pelos diversos conferencistas consideramos que seriam redundantes e, por consequência, supérfluos, quaisquer comentários e sínteses que pudéssemos eventualmente fazer das comunicações apresentadas, pelo que deixamos aos nossos leitores o prazer de as desfrutarem tal como foram apresentadas e aprofundarem, a partir delas, a problemática teológica, pastoral e catequética para que remetem na nossa atualidade familiar, social e eclesial.

(*) Diretor.



**SEMANA NACIONAL
DA
EDUCAÇÃO CRISTÃ**

Educar - propor o caminho para uma vida plena (*)

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ
E DOCTRINA DA FÉ

A educação integral é essencial para promover o desenvolvimento harmonioso das pessoas e para alicerçar a justiça, a paz e o bem-estar das sociedades. Portanto, é pela educação que podemos preparar um futuro com esperança.

Por isso, educar é uma tarefa gratificante sem deixar de ser complexa e árdua, nomeadamente no nosso tempo. Assim o reconhece o Papa Francisco na Exortação “*A Alegria do Amor*” em que dedica um capítulo à missão educativa da família (Cap VII: Reforçar a educação dos filhos).

Perante os desafios da sociedade atual, o papel dos educadores (pais, encarregados de educação, professores, catequistas) não pode ser o de controlar ou de resolver todos os problemas mas “*gerar processos de amadurecimento da liberdade dos filhos, de preparação, de crescimento integral, de cultivo da autêntica autonomia*” (AL 261). Deste modo, “*a educação para a maturidade comporta a tarefa de promover liberdades responsáveis que, nas encruzilhadas, saibam optar com sensatez e inteligência*” (AL 262).

Perante esta emergência da educação todos temos a missão de colaborar. Em nome da Igreja, apoiados pelo seu rico património espiritual, humanista e moral, queremos dar o nosso contributo, apresentando alguns critérios em ordem a educar para o desenvolvimento pessoal integral e para a participação livre e responsável na construção de uma sociedade justa e fraterna.

(*) Nota pastoral para a Semana Nacional da Educação Cristã, 21 a 30 de outubro de 2016.

1. Educar é pôr a caminho

Educar é conduzir no caminho do bem e da verdade, como concretiza Bento XVI de forma feliz: *“Educar significa conduzir para fora de si mesmo ao encontro da realidade, rumo a uma plenitude que faz crescer a pessoa”* (Mensagem do dia da paz, 1 de janeiro de 2012, 2).

Deste modo, educar não é apenas atingir uma determinada etapa ou patamar: boas classificações escolares; concluir um curso; chegar à celebração de um sacramento. Encontramos, frequentemente, esta perspectiva estática de educação. A educação, porém, é dinâmica, é aprender a caminhar, a progredir, a crescer continuamente para a plenitude. Fazer caminho é dar passos, treinar ritmos, aprender com as novas experiências de cada idade, pois o caminho faz-se caminhando. Cada etapa precisa de ter continuidade, orientar para novas etapas, sem perder de vista a meta – o desenvolvimento pleno e integral. Fixar-se numa etapa é instalar-se, é deixar de crescer, de olhar para o futuro e enfraquecer no compromisso de o preparar.

O objetivo que todos procuramos na vida é a felicidade. E onde a encontramos? Como muitas vezes repetiu, de forma viva, o Papa Francisco nas Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) em Cracóvia (julho 2016), a felicidade não está no sofá e nos videogames mas em fazer caminho que abra novos horizontes à vida e nos leve a testemunhar a misericórdia aos mais pobres e débeis: *“não viemos a este mundo para vegetar, para fazer da vida um sofá que nos adormeça; viemos para deixar marca. É muito triste passar pela vida sem deixar uma marca. Mas quando escolhemos a comodidade, confundindo felicidade com consumo, então perdemos a liberdade”*.

2. Educar é propor referências

Para fazer caminho precisamos de definir uma direção e escolher um guia. Uma das lacunas da educação é a ausência de referências que permitam o discernimento entre a retidão e os desvios, entre o bem e o mal.

Na educação cristã temos Jesus Cristo como referência e guia do caminho novo. Ele veio trazer-nos a vida em plenitude (Cf Jo 10,10) e esta é a meta que temos em vista alcançar. Ele chama-nos a segui-Lo e acompanha-nos no caminho, apoiando-nos com a sua graça. Por isso, o caminho do Senhor está ao alcance de todos. Como afirmou o Papa Francisco nas referidas Jornadas, *“Jesus deseja aproximar-se da vida de cada um, percorrer o nosso caminho até ao final, para que a sua vida e a nossa se encontrem realmente”*.

A vida exemplar de Jesus é continuada e concretizada por muitos homens e mulheres que n'Ele encontraram o paradigma do homem novo e, após esse encontro, tornaram-se melhores. Na história do cristianismo encontramos uma “*nuvem de testemunhas*” (Heb 12, 1) que enriquecem o nosso património de referências concretas da fé cristã.

Também hoje à nossa volta podemos descobrir muitas testemunhas admiráveis da fé que, pela sua bondade e retidão, mostram como o Evangelho é uma força para o bem e uma luz que ilumina na escuridão. Fixar os olhos em Jesus e naqueles que O seguem e continuamente se renovam, leva-nos a descobrir as nossas distâncias e fragilidades e a esforçarmo-nos por superá-las. Não há caminho para a perfeição sem esforço e sem luta, não há opções pela verdade e pela novidade cristã sem renúncia aos impedimentos e obstáculos que moram em nós e dificultam o progresso na luz e na perfeição.

Na matriz cristã, a educação encontra uma ligação com a realidade e um enraizamento concreto na história humana. Não é proposta de teorias ou doutrinas mas de exemplos de pessoas concretas e de acontecimentos históricos, de uma memória rica de séculos que nos ajuda a estar atentos aos sinais dos tempos, a interpretar o presente e construir um futuro melhor.

3. Educar é promover a fraternidade e a comunidade

Jesus aproximou-se de nós para nos ensinar a ser próximos uns dos outros. Dedicou-nos um amor pessoal e manda-nos amar o próximo, a pessoa concreta que precisa de nós. A educação cristã tem necessariamente uma dimensão comunitária, pois Jesus veio ao nosso encontro para nos congregar como a grande família dos filhos de Deus.

Nesta linha, a educação deve promover o diálogo e a integração, procurar o que nos une e não o que separa; construir pontes e evitar ruturas; não se deixar tentar pela mentalidade maniqueísta que divide a sociedade em bons e maus, julgando como maus “os outros que não pensam como nós”.

Nas fontes do cristianismo é constante e veemente o apelo à união, à reconciliação, à paz e ao serviço fraterno. A divisão e os conflitos são entendidos como uma contradição com a fé. O grande sinal que identifica o cristão é o amor, a misericórdia, o serviço aos mais humildes e desprotegidos. Por isso, devemos alertar contra todas as propostas que, ainda hoje, criam barreiras e fomentam agressividade. Se queremos construir um mundo solidário em que todos se sintam acolhidos, respeitados e integrados temos

Educar - propor o caminho para uma vida plena

de rejeitar a indiferença, a agressividade, a luta de classes, a violência... e cultivar a fraternidade, o diálogo, a compreensão e as relações cordiais. Assim esclareceu o Papa Francisco aos jovens: *“a nossa resposta a este mundo em guerra tem um nome: chama-se fraternidade, chama-se irmandade, chama-se comunhão, chama-se família”*(JMJ, 2016).

4. Educar é formar agentes de mudança e de transformação social

O pleno desenvolvimento da pessoa alcança-se também pelo contributo que presta para melhorar a sociedade, pelo rasto de amor e de paz que deixa no seu meio ambiente. Educar é incentivar a sonhar um mundo novo, mais justo e fraterno, e a entregar-se, corajosamente, ao serviço deste sonho. Como recomendou o Papa em Cracóvia: *“Para seguir a Jesus é preciso ter uma boa dose de coragem e decidir-se a trocar o sofá por um par de sapatos que ajudem a caminhar (...) pelas estradas do nosso Deus que nos convida a ser atores políticos, pessoas que pensam, animadores sociais”*(JMJ 2016).

Jesus é o pastor que nos orienta no caminho que leva à plenitude, à alegria, ao amor e à paz. Oferece-nos o evangelho para ser o “nosso navegador” no caminho da vida. Ampara-nos com o seu cajado de pastor, ou seja, com a força da sua graça que ajuda a vencer o mal. É o verdadeiro mestre de vida que nos transmite a arte de bem viver, é o caminho para a verdade, para a beleza e para a bondade, para a vida em plenitude.

A luz de Jesus chega até nós, de forma mais próxima e concreta, através das testemunhas da fé que se guiaram por Ele e refletem a sua luz para a nossa vida. Entre todas tem um lugar de especial relevo Maria sua Mãe. Também ela peregrinou na fé e se entregou ao serviço de um mundo novo. Ao celebrarmos o centenário das suas aparições em Fátima demos graças a Deus pela sua visita e pela mensagem de salvação que nos veio trazer e aprendamos com ela, estrela de um novo dia, a orientar os nossos passos pela luz do evangelho de Seu Filho.

Lisboa, 29 de setembro de 2016

Homilia da Eucaristia de abertura da Semana Nacional da Educação Cristã, na Sé Catedral de Angra

D. JOÃO LAVRADOR (*)

Decorre entre os dias 21 e 30 de outubro a Semana Nacional da Educação Cristã. Com ela pretende-se convidar todos os cristãos e os homens e mulheres de boa vontade a reconhecerem e valorizarem a educação no seu todo e a educação cristã em particular.

No corrente ano, o domingo que integra esta semana é também dedicado à consciencialização da missão na vida do cristão e da comunidade cristã. Deste modo podemos enriquecer-nos com o reconhecimento que a educação cristã faz parte da missão da Igreja e, mais ainda, é a causa fundamental da evangelização.

Há dois pensamentos que decorrem da Palavra de Deus que escutámos. O primeiro é expresso por S. Paulo na segunda leitura que, a modo de testamento final da sua vida, num dado passo diz o seguinte: «o Senhor esteve a meu lado para que, por meu intermédio, a mensagem do Evangelho fosse plenamente proclamada e todas as nações a ouvissem»; o segundo depreende-se da primeira leitura e do Evangelho nos quais se reconhece que a Palavra de Deus é destinada a todos e tem como missão fomentar uma comunidade fraterna de partilha e de comunhão.

Na Nota Pastoral que a Comissão Episcopal da Educação Cristã publicou a propósito desta semana, destaca-se a urgência de promover uma educação que seja integral, que promova o desenvolvimento harmonioso das pessoas, que alicerce a justiça, a paz e o bem-estar das sociedades.

(*) Bispo de Angra.

Homilia da Eucaristia de abertura da Semana Nacional da Educação Cristã

Daí destacar-se quatro critérios que se julgam importantes e necessários para uma verdadeira educação e para a qual a Igreja sente o dever de colaborar.

O primeiro critério é a consciência de que educar é uma caminhada e, por isso, reveste-se de dinamismo, de progresso, de crescimento contínuo até à plenitude. Como aí se diz: «fazer caminho é dar passos, treinar ritmos, aprender com as novas experiências de cada idade, pois o caminho faz-se caminhando».

O segundo evoca as referências a propor na educação. Só deste modo a educação se orienta por uma finalidade e se sustenta num guia ao longo da caminhada. Para os cristãos a verdadeira referência é Jesus Cristo que ao mesmo tempo nos guia pelo caminho sempre novo. Como se pode ler no Evangelho, Ele trouxe-nos a vida e a vida em plenitude que se experimenta no seguimento e na graça por Ele derramada nos nossos corações.

Mas esta referência e guia exige também o testemunho daqueles que uma vez a viver a vida de Cristo sentem que O devem tornar presente junto dos seus irmãos.

Refere a citada Nota Pastoral que «também hoje à nossa volta podemos descobrir muitas testemunhas admiráveis da fé que, por sua bondade e retidão, mostram como o Evangelho é uma força para o bem e uma luz que ilumina a escuridão». Por isso, as nossas fragilidades só serão iluminadas e superadas à luz de Jesus Cristo que nos renova constantemente.

O terceiro critério refere-se à educação como promotora de fraternidade e de comunidade. Toda a educação deve integrar a pessoa numa comunidade e deve ser promotora de fraternidade. Mas dada a fragilidade humana, sem a intervenção de Jesus Cristo que se aproxima de cada pessoa, são muitos os obstáculos que se colocam à verdadeira fraternidade e à valorização comunitária.

Sublinha a Comissão Episcopal da Educação Cristã que «o grande sinal que identifica o cristão é o amor, a misericórdia, o serviço aos mais humildes e desprotegidos» e, por isso, «se queremos construir um mundo solidário em que todos se sintam acolhidos, respeitados e integrados temos de rejeitar

D. João Lavrador

a indiferença, a agressividade, a luta de classes, a violência (...) e cultivar a fraternidade, o diálogo, a compreensão e as relações cordiais».

A resposta a este mundo em guerra, que se manifesta de diversas formas, só poderá vir da comunhão vivida e convivida na fraternidade.

Por último, propõe-se que educar é formar agentes de mudança e de transformação social. Uma das finalidades da educação é a intervenção na sociedade que é igualmente uma exigência para o cristão. O sonho de um mundo novo exige pessoas que se entreguem corajosamente à sua concretização.

Em Jesus temos o orientador, o amparo e a luz. Ele como o verdadeiro Bom Pastor conduz-nos pelas fontes da alegria e nos eleva até à plenitude da vida.

Numa cultura que se apropria da educação para interesses particulares e de grupo esvaziando-a da sua mais sublime missão que é construir a pessoa na sua integralidade e na sua transcendência, numa sociedade que ideologiza a educação tornando a pessoa humana objeto de interesses políticos e económicos, cerceando-lhe a sua plena identidade e realização e transformando-a em número de contabilidade social, exige-se o despertar de todos os intervenientes com responsabilidade prioritária na educação: a família, a própria pessoa, as comunidades, onde se inclui a Igreja, e o Estado com poder supletivo.

Porque a educação não poderá prescindir da visão harmoniosa e global do ser humano, a Igreja sente que lhe pertence a tarefa, por missão divina, de estar presente na educação para ajudar cada pessoa, cada família e a sociedade no seu todo para que os valores do Evangelho informem a evolução e o crescimento de cada criatura.

Educar é formar para a liberdade autêntica que só se poderá possuir através da busca árdua da verdade, do empenho afincado na comunhão e no amor, na descoberta da beleza e do bem.

Só na configuração a Jesus de Nazaré, o Homem Novo, que revela ao homem o próprio homem, se poderá alcançar, na caminhada pessoal e

Homilia da Eucaristia de abertura da Semana Nacional da Educação Cristã

comunitária, Aquele para O qual caminhamos. Ele pela Sua encarnação já nos alcançou e caminha connosco pelos caminhos da história.

Por último, importa lembrar a importância dos meios para educação cristã e que devem ser valorizados pelas famílias, pela comunidade e pela sociedade em geral. Refere o Concílio Vaticano II que «no desempenho do seu múnus educativo, a Igreja preocupa-se com todos os meios aptos, sobretudo com aqueles que lhe pertencem; o primeiro dos quais é a instrução catequética que ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e activa no mistério de Cristo e impele à acção apostólica» (GE, 4). Acrescenta, ainda, que «a Igreja aprecia muito e procura penetrar e elevar com o seu espírito também os restantes meios, para cultivar as almas e formar os homens, como são os meios de comunicação social, as múltiplas organizações culturais e desportivas, os agrupamentos juvenis e, sobretudo, as escolas» (GE, 4).

Termino implorando a Nossa Senhora, que é a primeira testemunha da fé e modelo de educadora, que nos abençoe neste trabalho fundamental para a família, para a sociedade e para a Igreja e, sobretudo, acompanhe com maternal solicitude todos os educadores, catequistas e catequizandos.

Ámen.

Homilia da Eucaristia de encerramento da Semana Nacional da Educação Cristã, na Sé de Santarém

D. MANUEL PELINO (*)

EDUCAR PELA PROXIMIDADE E PELO ACOMPANHAMENTO

Introdução

Concluimos neste domingo a celebração da Semana Nacional da Educação Cristã dedicada a sensibilizar os fiéis e as pessoas de boa vontade para a emergência atual da educação. Educar é missão de todos. Mas a alguns é confiada a responsabilidade concreta de cuidar do crescimento harmonioso de pessoas determinadas: os pais primeiros educadores de seus filhos; os pastores das comunidades cristãs; os professores de várias áreas; os catequistas que acompanham no caminho do evangelho; os responsáveis de movimentos educativos; e outros. A todos estes educadores saúdo com afeto e admiração. Saúdo igualmente os participantes nesta assembleia dominical, na Sé de Santarém, bem como os que acompanham a transmissão da TVI, de modo particular os idosos e os doentes.

O evangelho deste domingo narra-nos o encontro de Jesus com Zaqueu que pode proporcionar-nos uma reflexão muito oportuna sobre a educação cristã. É nessa perspetiva que faço a homilia, apoiando-me também na Nota Pastoral para esta Semana Nacional da Educação Cristã, publicada pela Comissão Episcopal respetiva.

(*) Bispo de Santarém e presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé.

1. Jesus uma referência para Zaqueu

Ouvimos no evangelho que Zaqueu procurava ver quem era Jesus. Para isso subiu a uma árvore. O que motivava Zaqueu a procurar ver Jesus? Seria curiosidade ou inquietação? Pelo gesto final em que prometeu repartir metade dos bens pelos pobres e restituir quatro vezes mais aos que tinha prejudicado, descobrimos que este homem era movido por uma procura interior de maior justiça e fraternidade. Jesus representava para ele uma vida nova muito diferente da de Zaqueu. Este homem de Jericó era chefe de cobradores de impostos. Jesus apresentava-se como Servo, não como Senhor e Chefe. Zaqueu era rico, provavelmente explorador, as suas mãos tocavam o dinheiro. As mãos de Jesus tocavam as chagas dos doentes, dos leprosos, dos sofredores. As atenções de Jesus estavam voltadas para os pobres e para os vulneráveis. Zaqueu subiu à árvore para ver de um pedestal sem ser visto. Jesus atravessava a cidade, andava no meio da multidão, próximo, solidário.

Zaqueu procurava ver Jesus porque a vida do Mestre da Galileia correspondia aos anseios mais profundos do coração humano – o desejo de bondade, de dignidade, de liberdade interior. Jesus constituía para Zaqueu uma referência de fraternidade e de misericórdia.

Mas Jesus também procurava Zaqueu. Como afirmou no final do evangelho que escutámos: *“O filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido”*. Jesus vem oferecer a Zaqueu e a todos nós uma vida nova de integração na comunidade, de paz, de alegria. Entendemos neste sentido a atitude de Zaqueu: recebeu Jesus com alegria, repartiu os bens, pagou as dívidas com juro. O encontro com Jesus transformou a vida daquele chefe de cobradores de impostos. Tornou-se um homem livre, acolhedor, feliz. Seguiu o caminho de Jesus.

2. Educar é pôr a caminho

No contexto da Semana Nacional da Educação Cristã, este evangelho coloca-nos uma questão pertinente: Que procuram os educadores para os seus formandos, os pais para seus filhos, os catequistas e professores ou dirigentes de movimentos para seus educandos? Procuram que sejam felizes, certamente, que vivam com alegria e responsabilidade. Como os ajudam a alcançar esta meta? Transmitindo saberes e referências, proporcionando uma habilitação para o trabalho, ajudando a encontrar uma situação estável na vida, oferecendo bens de consumo.

A felicidade, porém, encontra-se para além da situação estável e dos bens de consumo. Alcança-se fazendo caminho. Educar é propor o caminho para uma vida plena, livre, feliz. A educação não é estática, é dinâmica.

Como vemos em Zaqueu, a alegria vem da procura da bondade, da liberdade, da dignidade. Uma procura que conduz para fora de si mesmo, ao encontro dos outros. À nossa volta e em nós mesmos encontramos muito egoísmo, partidarismo, grupos fechados, rivalidade, indiferença. Educar é levar a sonhar um mundo novo – de fraternidade, paz e alegria – e incentivar a entregar-se ao serviço desse sonho. Educar é estimular os educandos “*a ser agentes políticos, pessoas que pensam, animadores sociais*” (Papa Francisco em Cracóvia).

Não é um sonho nas nuvens, teórico. É um sonho feito realidade em Jesus Cristo. Ele é a referência e a realização concreta deste caminho. Como para Zaqueu, também para cada um de nós, Ele é o caminho novo e o guia desse caminho. Por isso, educar cristãmente é levar ao encontro de Jesus. Deste encontro nasce a vontade de renovar a vida e a fonte da alegria. A alegria de sermos amados e acompanhados por Jesus; a alegria de recebermos e testemunharmos a misericórdia; a alegria de ver os outros como irmãos com quem partilhamos o que temos de bom. O segredo da educação está no encontro com Cristo e no seguimento do Seu caminho. Encontrar Cristo é ver os outros com os olhos de Jesus e entender a vida como uma missão de construir a justiça e testemunhar a misericórdia.

3. Educadores acompanhantes no caminho

Neste trecho do evangelho, Jesus ensina-nos também a ser educadores. Como educa Jesus? Como educamos nós?

Jesus educa pela atenção, pela proximidade e pelo acompanhamento. Ao passar pela árvore onde Zaqueu se tinha pendurado, levantou os olhos para ele e pediu-lhe com amizade e confiança: “*Zaqueu desce depressa que eu hoje devo ficar em tua casa*”. Zaqueu não podia imaginar que Jesus precisasse dele. Desceu rapidamente e recebeu-O com alegria. Abriu as portas a Jesus, abriu o coração e os bens abundantes aos outros: “*vou dar aos pobres metade dos meus bens e, se causei algum prejuízo a alguém, restituirei quatro vezes mais*”. Educar é ajudar a sair do seu mundo, a baixar do pedestal e a abrir-se ao acolhimento e à fraternidade.

Homilia da Eucaristia de encerramento da Semana Nacional da Educação Cristã

Jesus deseja ser educador de todos nós, quer entrar na nossa casa e fazer connosco um caminho novo. Aceitemos que Ele nos acompanhe na existência. E aprendamos com Ele a educar, a acompanhar outros no caminho para uma vida plena, para a alegria. O educador cristão é um artista que colabora na obra divina de modelar em cada educando a imagem de Deus onde resplandece a perfeição do amor. Bendigamos ao Senhor que ama tudo o que existe e a todos chama à perfeição.

The page features a repeating watermark logo in the background. The logo consists of a stylized 'P' and 'C' intertwined, with the words 'Pastoral' and 'Catequética' written vertically on either side.

JORNADAS NACIONAIS DE CATEQUISTAS

Maria: Mãe, Discípula e Educadora

D. ANTÓNIO MARTO (*)

Introdução

Antes de mais desejaria iniciar a nossa reflexão partindo de um dado sociorreligioso e cultural que um autor alemão sublinha: “A figura de Maria é o símbolo mais importante da cristandade do ocidente depois da cruz” (W. Beinert). Importa, pois, conhecer bem qual e o porquê da relevância de Maria à luz da fé cristã e católica.

É certo que Maria não é o centro do cristianismo. Não pode de modo algum substituir a Cristo, único mediador e salvador. Toda a sua importância está em função de Cristo enquanto associada, na história da salvação, à pessoa, à obra e ao mistério de Jesus com a sua função maternal. Através da maternidade, ela é cooperadora singular, na força do Espírito Santo, ao serviço do desígnio salvífico de Deus e do mistério de Cristo, e por extensão da Igreja e da humanidade. Por conseguinte, o enquadramento correto da reflexão sobre Maria é a sua integração no mistério de Cristo e da Igreja, tal como o faz o Concílio Vaticano II no último capítulo da constituição *Lumen Gentium*.

O mesmo Concílio afirma que “Maria, pela sua participação íntima na história da salvação, reúne por assim dizer e reflete em si as mais altas verdades da fé” (LG 65). E João Paulo II explicita: “Ela é como um espelho em que se refletem, da maneira mais profunda e luminosa, as maravilhas de Deus” (*Redemptoris Mater* 25).

Na Igreja, Maria tem o lugar mais eminente e mais próximo de nós. Como mãe glorificada com o Filho cuida dos irmãos do seu Filho e é para eles modelo de fé, esperança e caridade. É bom termos consciência de que também ela percorreu o caminho do seguimento de Jesus. Deste modo

(*) Bispo de Leiria-Fátima.

Maria: Mãe, Discípula e Educadora

está na Igreja como mãe, discípula e mestra que nos acompanha e ajuda a crescer nas virtudes teologais e em humanidade renovada pela graça.

O nosso amor a Maria é, pois, muito mais do que uma mera devoção sentimental; é, antes, a contemplação da beleza do amor misericordioso de Deus pela humanidade dispersa que refulge nela e no seu sim; é a contemplação da beleza da Igreja como Povo do Senhor, de que ela é membro eminente e mãe amorosa; e da beleza da vida com Cristo, de quem ela foi mãe e primeira e perfeita discípula.

Devemos acrescentar que nos textos bíblicos não encontramos uma preocupação biográfica sobre Maria, mas soteriológica. Por isso, os autores bíblicos fazem por vezes uma releitura mariológica de profecias do Antigo Testamento, para compreender e iluminar o lugar e a missão de Maria na história da salvação. Muito menos encontramos nestes textos um tratado sistemático sobre o papel de Maria, mãe, discípula e educadora. Encontramos textos, atitudes, exemplos em que podemos descobrir alguns desses aspetos.

Assim, a nossa reflexão é feita ao jeito de uma meditação, em estilo narrativo, seguindo os passos da Mãe do Senhor tal como a descrição dos Evangelhos nos permite acompanhá-los desde Nazaré, Belém, Caná até ao Calvário e ao Cenáculo do Pentecostes. *Seguimos a bela indicação de João Paulo II: “A Igreja olha Maria através de Jesus, como olha Jesus através de Maria” (RM 26).*

1. O grande anúncio a Maria (Lc 1, 26-38): Mãe do Filho de Deus

A importância de Maria na história da salvação torna-se clara, se considerarmos o título mariano fundamental de Mãe de Jesus, Mãe do Senhor, que lhe é anunciado como Filho do Altíssimo, e por isso Mãe de Deus. Ela é introduzida definitivamente no mistério de Cristo, mediante o acontecimento da anunciação do Anjo.

O mensageiro de Deus visita-a e comunica-lhe precisamente o anúncio do maior acontecimento da nossa história, impensável e inimaginável: a encarnação do Filho de Deus.

É interessante notar que o relato inicia com o convite à alegria. “Alegra-te, ó cheia de graça, o Senhor está contigo” – são estas as primeiras palavras que o Anjo dirige a Maria. Não se trata de mera saudação usual, como poderia parecer à primeira vista. Lidas à luz das profecias do Antigo Testamento, constituem um anúncio de alegria pela vinda do Messias

(*Salvador*). Trata-se de uma saudação que marca o início do Evangelho como Boa Nova comunicada a Maria e através dela à humanidade.

De facto, o Anjo apresenta à Virgem Maria o projeto da salvação de Deus de vir morar no meio do seu povo e pede-lhe a colaboração para ser mãe do Redentor que lhe é anunciado como Filho do Altíssimo. Ela fica surpreendida pelo anúncio e pela proposta e fica perturbada com interrogações, mas o Anjo diz-lhe uma palavra de consolação: “Não temas, pois achaste graça diante de Deus... A Deus nada é impossível” (Lc 1, 30.37). Como quem lhe diz: tu levas Deus em ti, mas Deus leva-te a ti!

Maria pôde assim dar a sua resposta livre, o seu sim: “Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua Palavra”. Colocou-se totalmente à disposição do projeto salvífico de Deus em favor dos homens, abriu-lhe de par em par as portas do seu coração e do seu seio, tornando-se morada do Altíssimo. *O sim de Maria é a porta pela qual Deus entra na nossa história assumindo a natureza humana.*

A maternidade de Maria não é algo meramente biológico. É um acontecimento de fé: “recebeu a Cristo no seu coração pela fé, antes de O receber no seu seio” (Santo Agostinho). *Como mãe do Redentor, partilhou intimamente toda a sua vida e missão, permanecendo a seu lado desde o berço até ao calvário. “Cristo e a sua Mãe são inseparáveis” (Papa Francisco). Ela tornou-se a primeira crente e discípula perfeita do Filho, modelo de todos os crentes.*

Para realizar esta missão materna, Deus preparou-a de modo especial. O mensageiro não a chama pelo nome próprio Maria; chama-a pelo nome escolhido e dado por Deus, “a cheia de graça”, isto é, cheia do amor de Deus que a torna toda santa, preservando-a de todo o contágio do pecado desde o início da sua existência. Além disso, explicita a maternidade virginal de Maria para ficar clara a origem divina de Jesus, Filho de Deus feito homem, pela obra inimaginável do Espírito Santo.

Como é que Maria na sua maternidade ilumina a fé e a espiritualidade do cristão e a missão pastoral da Igreja? Eis dois belos textos dos Papas João Paulo II e Bento XVI, respetivamente:

“Maria leva-nos a aprender o segredo da alegria cristã, lembrando-nos que o cristianismo é antes de mais Evangelho, boa notícia que tem o seu centro e o seu conteúdo na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo feito carne, único Salvador do Mundo” (João Paulo II, RVM 20).

“A Virgem Maria, pelo seu papel insubstituível no mistério de Cristo, representa a imagem e o modelo da Igreja. Também a Igreja, como fez a mãe de Cristo, é chamada a acolher em si o mistério de Deus que habita

Maria: Mãe, Discípula e Educadora

nela... a refletir cada vez mais o seu verdadeiro rosto no qual Deus se aproxima e encontra os homens. A Igreja, corpo vivo de Cristo, tem a missão de prolongar na terra a presença salvífica de Deus, de abrir o mundo a algo maior do que ele mesmo, ao amor e à luz de Deus” (Bento XVI, Homilia, 26/03/2012).

Maria como mãe e discípula educa-nos assim a acolher a Graça como dom que nos transforma e a abrir-nos às surpresas de Deus, à vocação a que nos chama.

2. A grandeza da fé de Maria (Lc 1, 39-45): “Feliz de ti que acreditaste”

As boas notícias são para se comunicarem. Não há coração tão grande que seja capaz de as conter: sente-se necessidade de as partilhar com os amigos, com os mais íntimos. *Assim, ao acabar de dizer o “sim” (faça-se), como discípula perfeita, Maria parte logo em missão. Não guarda para si a graça recebida. O seu primeiro gesto foi dirigir-se ‘apressadamente’ em visita à prima Isabel para partilhar a boa nova, o segredo íntimo que ambas traziam dentro de si, para lhe levar Cristo e, com Ele, a ternura e o afeto da companhia e do apoio. Eis a discípula missionária, a Senhora da prontidão e da ternura.*

Isabel, por sua vez, antecipou-se exclamando: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre. De onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?”. Esta última frase da saudação é semelhante à que no Antigo Testamento era dirigida à Arca da Aliança. Assim, Maria é a Arca Santa em pessoa e traz em si a presença de Deus que é fonte de consolação e de alegria.

Por fim, Isabel mostra que a raiz de toda esta alegria é a fé: “Feliz de ti que acreditaste!” *Exalta a grandeza da fé de Maria que aceita tornar-se morada de Deus e colaborar com Ele para a salvação do mundo através da sua maternidade.* Santo Agostinho comenta de modo excelente: “Maria foi maior em receber a fé em Cristo do que em conceber a carne de Cristo. Por isso, a consanguinidade materna de nada teria aproveitado a Maria, se ela não se tivesse sentido mais feliz em hospedar Cristo no coração do que no seio” (Sermão 215, 1).

Eis aqui a imagem e o modelo da Igreja discípula missionária, Igreja em saída. “Aquele que recebeu o dom mais precioso de Deus, como primeiro gesto de resposta, pôs-se a caminho para servir e levar Jesus. Peçamos a

Nossa Senhora que também nos ajude a transmitir a alegria de Cristo aos nossos familiares, aos nossos companheiros, aos nossos amigos, a todas as pessoas” (Papa Francisco, *Angelus* no Rio de Janeiro). Eis como Maria nos educa para a alegria e transmissão da fé, a partilha da ternura, o valor e alegria da maternidade aliada à de Isabel como dom e instrumento de Deus para trazer ao mundo uma vida nova.

3. A cantora da misericórdia no Magnificat (Lc 1, 46-55)

A alegria profunda da visitação e do encontro com Isabel prolonga-se e exprime-se, de modo singular e surpreendente, no canto que brota do coração e dos lábios de Maria, o *Magnificat*. É um dos textos mais belos e expressivos do Novo Testamento. O que leva Maria a entoar este hino maravilhoso?

Depois do colóquio com Isabel, meditando tudo à luz da fé, ela descobre que tudo o que nela acontece é obra da misericórdia de Deus ao serviço da grande história da salvação. Então, *exulta de alegria e proclama a grandeza de Deus, da sua bondade e misericórdia que atua e se revela, não só na sua humilde pessoa, mas também na história do seu povo de Israel e na história do mundo*, particularmente na sua predileção pelos últimos, os pobres, os pequenos, os humildes, os humilhados e oprimidos. No *Magnificat*, lê toda a história da salvação como história da misericórdia de Deus. Nele se reflete também a dimensão política e social: pela sua misericórdia, Deus faz justiça no mundo, derruba os poderosos e exalta os humildes.

Maria experimenta, canta e revela o amor fiel e misericordioso de Deus “que se estende de geração em geração” até hoje, ao nosso tempo. Portanto, também a nossa geração está incluída nesta promessa.

Como Maria e com ela, também nós podemos e devemos fazer a experiência da misericórdia de Deus deixando-nos salvar por Cristo; cantá-la descobrindo nos complexos caminhos e dramas do mundo a vitória da misericórdia sobre o mal; testemunhá-la vivendo as bem-aventuranças dos misericordiosos, a compaixão do bom samaritano, realizando as obras de misericórdia e promovendo a solidariedade, a justiça e a paz na sociedade.

O acontecimento da visitação de Maria a Isabel com o canto do Magnificat é uma imagem maravilhosa da Igreja do Magnificat, isto é, da misericórdia, do louvor e da alegria. Educa-nos a sermos instrumentos de misericórdia com as obras de misericórdia e nas relações concretamente em família.

4. A presença nas bodas de Caná (Jo 2, 1-11): “Fazei o que Ele vos disser”

O Evangelho de S. João apresenta Maria no início do ministério público de Jesus nas bodas de Caná da Galileia, onde também se encontravam os discípulos. Aí Jesus realiza o seu primeiro milagre, transformando água em vinho para que não se estragasse aquela festa. Maria tem aqui um papel importante. É ela a notar a falta de vinho comunicando-a a Jesus: “Não têm vinho”. Manifesta assim a sua atenção terna e concreta e também a confiança incondicional no Filho.

Este primeiro milagre de Jesus é classificado pelo evangelista como o “primeiro sinal” que aponta para outra realidade maior. Com este sinal, Jesus transforma as bodas humanas na imagem das bodas da Nova Aliança de Deus com o seu povo. Para estas bodas, Jesus convida o seu povo, representado pelos seus discípulos e a sua mãe, e oferece o amor superabundante de Deus simbolizado no vinho novo e abundante para viver a alegria e a festa da comunhão.

Assim, a verdadeira finalidade do episódio de Caná é a manifestação da infinita bondade de Deus e o despertar da fé, como se pode ver no final da narração: “Ele manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n’Ele”.

A partir daqui, podemos compreender a missão de Maria visível neste episódio: é a mãe atenta às dificuldades e necessidades dos homens, que apresenta ao Filho para que não falte a alegria do Evangelho, da ternura e da misericórdia. É simultaneamente porta-voz e intercessora do povo e porta-voz da vontade do Filho, em cujas mãos põe tudo e n’Ele confia.

Eis, a propósito, um belo comentário do então cardeal J. Ratzinger, numa homilia em Fátima: *“No texto das bodas de Caná estão também as palavras de Maria aos serventes; depois do fiat (faça-se segundo a tua palavra), são talvez as suas palavras mais belas. No fundo, são só uma aplicação para nós do seu fiat: ‘Fazei o que Ele vos disser’.* Para nós significa: conformai-vos à vontade de Deus. Escutai e estai prontos ao seu chamamento. Com estas palavras, convida os serventes e convida-nos a nós à fé... Convidou à fé e levou ao verdadeiro milagre... Fazei o que Ele vos disser, acreditai em Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo... Acreditai e vereis a medida cheia do amor superabundante de Deus que nos salva. Acreditai e recebereis o vinho saboroso da presença de Deus na vossa vida”, que liberta do medo, do vazio, do fracasso, do desespero.

Maria aparece em Caná como mulher crente, colaboradora de Jesus na missão da Nova Aliança, desejosa de expandir a fé, que pede a cada um de

nós a fé para aceder à alegria da comunhão com Deus e formar o novo povo que é a Igreja. O milagre de Caná é também muito educativo. É o milagre do amor. O vinho novo, de qualidade e abundante, é expressão do amor novo que leva e eleva à perfeição o amor humano dos esposos. É muito importante ter isto em conta no matrimónio e na sua preparação.

5. O caminho de peregrinação na fé

Não vamos pensar que a fé inicial de Maria foi sempre “de vento em popa”, sem conhecer dificuldades, perturbações ou provações. *Também Maria teve de ir assimilando pouco a pouco o Evangelho anunciado por Jesus. O sim da anunciação foi o início de um longo itinerário para Deus, de uma verdadeira peregrinação na fé.* Teve de renovar cada dia a fé profunda com que disse o seu primeiro sim, para o manter fiel durante toda a vida até à entrega do Filho na cruz.

Desde cedo, a sua fé passou por situações que a puseram à prova: a surpresa de Deus na Anunciação que a deixou perturbada, o risco de perder o amor de José, seu noivo, por aceitar a maternidade divina, o nascimento do menino num pobre estábulo em Belém, a fuga para o Egito, a apresentação do menino no templo quando ouviu a desconcertante profecia de Simeão: “uma espada de dor atravessará o teu coração”, a perda de Jesus no templo. *Maria vive a “noite da fé” que atinge o seu auge aos pés da cruz unida a Cristo sofrendo no seu despojamento total.* Mediante a fé, a mãe participa na morte do Filho com fidelidade, de modo bem diferente dos apóstolos, que fugiram.

Como é que Maria pôde viver este caminho ao lado do Filho com uma fé sólida, mesmo na obscuridade – quando Deus parece ausente ou em silêncio –, sem compreender tudo e sem perder a plena confiança em Deus? O evangelista S. Lucas revela-nos a atitude de fundo com que ela enfrentava estes acontecimentos: “Maria guardava todas estas coisas meditando-as no seu coração” (Lc 2, 19); e “Mas eles [os pais] não compreenderam as palavras que lhes disse... Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração” (Lc 2, 51). Isto significa que Maria entrava em diálogo íntimo com a Palavra de Deus anunciada: recordava e relacionava no seu coração os acontecimentos e a Palavra, discernindo desta forma os desígnios de Deus. Assim encontrava a compreensão e o sentido da sua fidelidade que só a fé lhe pode garantir e permitir “esperar contra toda a esperança”.

Maria: Mãe, Discípula e Educadora

Neste contexto, compreendemos as referências elogiosas de Jesus a sua mãe como ouvinte da Palavra, que a torna membro da grande família espiritual que é a Igreja: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que escutam a Palavra de Deus e a cumprem” (Lc 8, 18-21) e “Felizes antes aqueles que escutam a Palavra de Deus e a guardam” (Lc 11, 27-28).

O caminho das provações de Maria educa-nos a viver com coragem e serenidade as dificuldades e os desafios da vida, tristes ou alegres, meditando-os no coração à luz da Palavra para discernir a vontade de Deus e também as maravilhas que Ele realizou em nós e nas famílias.

6. A Mãe junto à Cruz (Jo 19, 25-27): “Eis o teu Filho”

Vamos agora até junto à cruz de Jesus e deixemos que seja o Papa Francisco a introduzir-nos no último dom do testamento de Jesus.

“Na cruz, quando Cristo suportava em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo. Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai Lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: «Mulher, eis o teu filho!». E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: «Eis a tua mãe!» (Jo 19, 26-27). *Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação por sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério de uma missão salvífica especial.* Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. E só depois de fazer isto é que Jesus pôde sentir que «tudo se consumara» (Jo 19, 28). Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino. Ela, que O gerou com tanta fé, também acompanha «o resto da sua descendência, isto é, os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus» (Ap 12, 17)” (EG 285).

Junto à cruz, Maria oferece o Filho das suas entranhas, participa do amor misericordioso com que Ele Se oferece pela redenção de todos. Por este motivo, a sua maternidade divina, o amor de mãe de Jesus estende-se à Igreja e à humanidade. Ela recebe a missão de acolher o discípulo amado e todos quantos ele representa como filhos e filhas. O discípulo amado é, na verdade, o símbolo da comunidade cristã, de cada um de nós enquanto discípulos amados do Senhor.

“Eis o teu filho”, “eis a tua mãe” – é dito para cada um pessoalmente. Aqui “está plenamente indicado o motivo da dimensão mariana da vida dos discípulos de Cristo... A maternidade de Maria que se torna herança do homem é um dom: dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente” (RM 45).

“Eis a tua mãe. E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a no que é seu”. Não se trata só do acolhimento na sua casa. Segundo o texto grego original, significa que acolheu Maria como mãe no mais íntimo da sua vida, no seu coração, na profundidade do seu ser, entre os bens mais preciosos, em todo o seu espaço vital, na comunidade dos discípulos.

Concluindo, Maria faz parte da Igreja e da vida de fé do discípulo como um bem precioso e um valor vital; a Igreja e cada fiel podem reconhecer nela a mãe que lhes foi confiada e a quem eles foram confiados. Isto suscita em nós o amor a Maria e convida-nos a deixarmos que este amor alimente o nosso amor a Cristo e à Igreja e a estar junto de todas as cruzes do sofrimento humano.

7. No cenáculo do Pentecostes (At 1, 13-15): Maria no meio da comunidade

Os Evangelhos não referem qualquer aparição de Jesus Ressuscitado a sua mãe. Todavia, no livro dos Atos dos Apóstolos, Maria aparece já integrada na comunidade dos que creem no Ressuscitado.

Na véspera do Pentecostes, vemos os apóstolos reunidos no cenáculo “assíduos e concordes na oração com algumas mulheres e com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus” (At 1, 14), para invocarem o Espírito Santo. Também ela recebeu o Espírito do Pentecostes para realizar a sua missão própria na Igreja, mesmo sem receber o ministério apostólico.

Desde o acontecimento do Pentecostes, ela está presente no meio da comunidade cristã enquanto mãe de Jesus, como “memória viva” e permanente de Jesus e elo de comunhão íntima com Ele; está presente no nascimento e crescimento da Igreja como casa de comunhão e no seu envio em missão, em saída para o mundo e todas as periferias geográficas e existenciais.

“Juntamente com o Espírito Santo, Maria está sempre no meio do povo. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora... Pedimos-lhe que nos ajude com a sua oração materna para que a Igreja se torne *uma casa* para muitos, *uma mãe* para todos os povos e torne possível o nascimento de *um mundo novo*” (EG 284.288).

8. Elevada ao Céu, sinal de esperança para o povo peregrino

A fé da Igreja crê e afirma que a Virgem Maria, uma vez concluída a sua vida terrestre, foi elevada à glória de Deus, assumida na plenitude da vida eterna na totalidade do seu ser corpóreo-espiritual com toda a riqueza da sua humanidade, feminilidade e maternidade.

Alguém escreveu que o mistério da assunção gloriosa de Maria ao Céu é mais para ser cantado do que explicado. É a festa do coroamento da existência da Mãe de Jesus. O povo cristão compreende esta verdade com a intuição da fé e do coração. Aquela que foi a primeira e única a receber Jesus, o Filho de Deus, no seu coração e no seu seio, que O seguiu fielmente toda a vida, é também a primeira dos redimidos a ser recebida pelo Filho ressuscitado, a participar da plenitude da vida eterna, que nós chamamos Céu, Paraíso, Casa do Pai: dom que completa uma vida e uma história vivida na Graça e no Amor. *Assim, Maria indica-nos, de modo luminoso, a beleza da meta definitiva da nossa peregrinação no mundo.*

Além disso, continua a exercer a sua maternidade espiritual e universal de modo novo. Unida totalmente a Deus no Céu, ela não se afasta de nós, não vai para uma galáxia ou zona distante e desconhecida do nosso universo. “O Céu de Deus não pertence à geografia cósmica (o céu das estrelas), mas à geografia do coração” (J. Ratzinger), isto é, do amor eterno e santo. Assim, Maria elevada ao Céu participa do amor universal de Deus e da sua presença conosco. Está muito próxima de nós, de cada um de nós, na comunhão dos santos. Tem um coração grande como o amor de mãe que partilha do amor universal de Deus. Pode estar perto, escutar, ajudar, interceder, acompanhar e advertir como mãe do bom conselho.

Como a mulher do Apocalipse (Ap 12, 1-10) – a mulher vencedora do dragão – não nos deixa sós, mas assiste-nos na constante luta com as forças destruidoras do mal, simbolizadas na figura do dragão sanguinário, no combate entre o bem e o mal, a vida e a morte, a graça de Deus e o pecado. “De facto, depois de elevada aos Céus, não abandonou esta missão salutar... Com o seu amor de mãe, cuida dos irmãos do seu Filho que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz. Por isso, a santíssima Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, amparo e medianeira” (LG 62).

Nesta missão, a Mãe celeste pode visitar-nos com o seu amor materno, para trazer esperança e consolação ao povo peregrino no meio das lutas e tribulações da história. Maria de Nazaré agora glorificada exerce um ministério

ininterrupto ao serviço do mistério e do ministério de Cristo para a salvação do mundo.

“No céu temos o coração de uma mãe. A Virgem, nossa Mãe, que aos pés da cruz experimentou todo o sofrimento possível a uma criatura humana, compreende os nossos dramas e consola-nos” (S. Leopoldo Mandic).

9. O nosso amor filial a Maria é uma expansão do amor de Cristo

A verdadeira devoção a Nossa Senhora nasceu no seio da comunidade cristã como consequência da crescente compreensão do mistério da Encarnação do Filho de Deus. Já aflora na saudação de Isabel a Maria: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre... Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor” (Lc 1, 42.45).

O Papa Paulo VI explicita esta realidade de uma maneira simples e profunda: “Cristo veio a nós por Maria, recebemo-lo dela; se queremos, pois, ser verdadeiros cristãos, devemos reconhecer a relação essencial e vital que une Nossa Senhora a Jesus e que nos abre o caminho que a Ele conduz. Nem podemos desviar o olhar daquela que é a criatura mais semelhante a Cristo e é “a figura” da Igreja e é, como afirma o Concílio, ‘o modelo perfeito na fé e na caridade’ (LG 53.61.65)” (Discurso ao Congresso Mariológico de 1975).

É nesta base doutrinal que se fundamentam as nossas relações de amor, de louvor e de veneração a Maria, às quais chamamos devoção, piedade ou culto mariano. Podemos dizer que *a nossa devoção a Maria é a expansão do amor a Cristo que no-la deixou como mãe, mãe dos discípulos, mãe da Igreja*. A nossa relação com ela reveste a forma de um amor filial que nos ajuda a viver unidos a Cristo pela fé e o mistério da nossa filiação divina.

A oração do Rosário, com a meditação dos mistérios da vida de Cristo e da Virgem Maria, permite-nos exprimir em simultâneo o amor a Cristo e a Maria, a relação com ambos e ainda orientar tudo para a glória da Santíssima Trindade. Façamos, pelo menos algumas vezes, pessoalmente, em família e em grupo, a experiência desta oração de forma meditada e contemplativa, saboreando no coração as palavras que a boca pronuncia.

10. Critérios para uma autêntica devoção mariana

Maria é pura referência a Cristo e à Trindade Santíssima; é mãe, discípula e mestra no seguimento de Jesus, na adoração de Deus e no amor aos

Maria: Mãe, Discípula e Educadora

irmãos. Fora deste enquadramento não há verdadeira devoção mariana correspondente à verdade do Evangelho.

Deste modo, “a piedade para com a Mãe de Cristo torna-se para o fiel ocasião de crescimento na graça divina, que é a finalidade última de toda a ação pastoral. De facto, é impossível honrar a ‘Cheia de Graça’ sem honrar em si mesmos o estado de graça, isto é, a amizade com Deus, a comunhão com Ele e a inabitação do Espírito Santo” (MC 57).

Vale, assim, para toda a devoção mariana o critério apresentado pelo Papa João Paulo II em relação à devoção do Rosário: Contemplar Cristo com Maria em cinco momentos: recordar Cristo com Maria; aprender Cristo de Maria; configurar-se a Cristo com Maria; suplicar a Cristo com Maria e anunciar Cristo com Maria (Cf. RVM 12-17).

11. Maria, figura e modelo da Igreja

Como figura e modelo da Igreja, de que ela é “membro eminente e exemplar”, Maria leva-nos a descobrir a vida interior da Igreja, a sua alma mística, a vivência e o testemunho da vida em Cristo, e estimula-nos a viver nesta família de Deus para nos deixarmos transformar pelo Espírito Santo.

Assim, podemos ver Maria como espelho e paradigma da vocação e missão da Igreja nas múltiplas relações que a unem a Maria: *modelo da Igreja discípula crente*, que acolhe com fé e põe em prática a Palavra de Deus; *da Igreja mãe*, cuja missão é tornar Cristo vivo nos corações dos fiéis; *da Igreja virgem* na fidelidade de todo o coração ao Senhor; *da Igreja orante* no louvor e ação de graças como Maria no *Magnificat* e no cenáculo; *da Igreja profeta* anunciadora da Palavra e da justiça; *da Igreja oferente*, que faz da própria vida e missão uma entrega a Deus e caminho de santificação como Maria na apresentação de Jesus no templo e junto à cruz; *da Igreja peregrina* no meio das tribulações a caminho da Pátria da bem-aventurança; *da Igreja do Espírito do Pentecostes*, animada, unida e guiada por Ele na sua comunhão e missão; *da Igreja missionária*, em saída, como na Visitação a Isabel, para levar a ternura e a misericórdia de Deus a todos, sobretudo aos pobres e aos aflitos lembrados no *Magnificat* (Cf. MC 16-22).

Esta dimensão mariana é o mais forte antídoto contra uma conceção de Igreja puramente organizativa e burocrática. Em consequência, os fiéis e os ministros da Igreja, pela sua relação pessoal e identificação com Maria, viverão a sua relação e zelo apostólico e pastoral com amor e espírito de serviço e não de domínio, atentos à situação das pessoas para ter iniciativas

D. António Marto

e intervenções oportunas e criativas. Eis como Maria nos educa a viver a fé em Igreja e a ser Igreja em comunhão e missão.

A modo de síntese final, Maria Imaculada e Glorificada no Céu, mãe, discípula e mestra (educadora) é por isso mesmo modelo de humanidade e de fé: ajuda a compreender a Graça de Deus como dom que nos transforma; a fé e a fidelidade como atitudes que nos humanizam; a generosidade, o cuidado e o serviço como respeito pelos outros; o amor universal como dignificação dos filhos de Deus; a fraternidade, a justiça e a paz como missão para um mundo novo; a misericórdia como triunfo de Deus nos dramas da história; a esperança cristã como plenitude da vida em Deus.

“Não nos cansemos de aprender de Maria, de admirar e contemplar a sua beleza, de deixar que ela nos conduza sempre à fonte originária e à plenitude da infinita beleza, a de Deus, que nos foi revelada em Cristo, Filho do Pai e Filho de Maria” (Papa Francisco).

“A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja”

O lugar da família na transmissão da fé

JOSÉ EDUARDO BORGES DE PINHO (*)

“A alegria do amor que se vive nas famílias é o júbilo da Igreja” – assim começa a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. Se há vários motivos para este júbilo, não obstante inegáveis sinais de crise, um deles é decisivo – e esse foi o tema que me foi solicitado para esta intervenção – é porque a família é lugar fundamental, insubstituível até, de experiência cristã, de transmissão da fé, de construção de Igreja.

Divido esta reflexão em duas partes. Numa primeira sublinho alguns elementos de contextualização sociocultural. Não podemos falar do lugar da família na transmissão da fé sem o esforço de se tomar consciência da realidade que nos envolve, dos condicionamentos que existem. Na segunda parte abordo, então, problemas, desafios e tarefas que se apresentam à proposta da fé como tarefa da família, o que obviamente obriga a olhar para a realidade eclesial mais ampla.

1. A família e a transmissão da fé – Elementos de contextualização sociocultural

1.1. A família como realidade plural, também em termos de experiência cristã

Um dado básico, que todos conhecemos mas que nem sempre integramos suficientemente na nossa reflexão e na ação pastoral, é que a família, tanto em termos diacrónicos (ao longo dos tempos) como em termos

(*) Doutoramento em Teologia pela Universidade de Münster, Alemanha. Professor Catedrático da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Membro do Conselho de Direção desta Faculdade e membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

sincrónicos (na situação atual, nas diversas culturas, mas também no nosso país) é uma realidade eminentemente plural na sua configuração interna. Não obstante a função da realidade familiar continuar fundamentalmente idêntica, há diversidades grandes em termos de forma ou estrutura, podendo mesmo falar-se, sobretudo no Ocidente, de diversos "modelos" de família ¹. Um dos últimos números da Revista Concilium tem precisamente por título a palavra "Famílias", um título que se justifica – como se lê na introdução – pela pluralidade da realidade que se entende como ou procura ser "família", pela diversidade das questões que as famílias enfrentam na atualidade, pela complexidade que marca a própria concretização da realidade familiar, com desafios que não encontram respostas fáceis, nem por parte da Igreja nem da sociedade ².

Essa pluralidade manifesta-se também, como todos igualmente sabemos, no que respeita à vivência e expressão de fé por parte dos seus membros. Não há a família cristã, pura e simplesmente. Desde logo, obviamente, porque a existência cristã é sempre vocação a realizar, processo e caminho a viver na busca de seguimento de Jesus e de fidelidade ao seu Evangelho ³. Mas, mais basicamente ainda, essa pluralidade radica no facto de que a realidade familiar é cada vez mais atravessada por diversas e complexas situações das pessoas que a constituem (desde os pais a outros familiares mais próximos...), nela penetram e se refletem as tensões, dificuldades e diversidades de todo o viver humano.

Há sempre, pois, que ter presente a distância que inevitavelmente existe entre a reflexão generalizante e o concreto das situações, com a sua especificidade e diversidade, o que é extremamente importante tanto em termos de avaliação da realidade como na busca de uma ação pastoral pertinente por parte da Igreja em relação com as famílias. **Os discursos sobre a família e o seu papel na educação da fé caem no vazio, se não se tiver bem em conta este dado** ⁴.

¹ Cf. A. SALGADO RUIZ, *Diversidad y unidad: estructura, funciones y fortalezas de la familia*, in *Sal Terrae* 103 (2015) 473 s. e 479 ss. Cf. também H. DERROITTE, *Une catéchèse qui change avec des familles qui changent*, in *Lumen Vitae* 60 (2005) 369.

² Cf. S. ROSS – L. CAHILL – E. BORGMAN – S. NADAR, *Editorial*, in *Concilium* 365 (2016) 175 s.; R. C. FORNASIER, *Linhas para uma hermenêutica do fenómeno familiar em contexto social e eclesial*, in *Revista Eclesiástica Brasileira* 76, n° 301 (2016) 305 s.; S. ADROLHER BIOSCA, *Família o famílias?*, in *Sal Terrae* 104 (2016) 71-82.

³ Cf. F. BOUSQUET, *Le discours chrétien sur la famille: une parole d'espérance et non de jugement*, *Catéchèse* 133 (1993) 50; J. VALLABARAJ, *Formazione della famiglia per la comunicazione della fede*, in *Catechesi* 80, 5 (2010-2011) 67 s.

⁴ Cf. M. VILLERS, *D'une catéchèse de transmission à une catéchèse d'initiation*, in *Lumen Vitae* 56 (2001) 81.

1.2. A consciência dos limites e fragilidades da família

Não obstante a pluralidade referida, há um consenso básico, testemunhado amplamente por inquéritos de opinião, de que a realidade “família” continua a ser, apesar de tudo, lugar-charneira nos caminhos de vida das pessoas, de modo particular das crianças e dos jovens, o que vale também para tudo o que diz respeito à fé. A família continua a ser a comunidade de vida mais fundamental da experiência humana, pelo que não será exagerado dizer-se, face aos desafios vários que se apresentam, que estaremos perante a questão mais séria que a nossa civilização tem de enfrentar ⁵.

Esta consciência vem acompanhada, no entanto, pela percepção de que a família é cada vez mais marcada por uma “forte precariedade”, é uma instituição “fragilizada” em termos de consistência social e de papel estrutural a desempenhar, é mesmo, no dizer de um autor, “uma instituição de alto risco nas sociedades ocidentais do nosso tempo” ⁶. O cumprimento da sua tarefa educativa tornou-se mais difícil face a contextos de instabilidade de vária ordem, com profundas mudanças culturais em curso, a exigirem novas maneiras de ver e atitudes criativas.

Se daqui decorre, como interpelação para a consciência cristã e para a missão eclesial, a necessidade de valorizar/revalorizar a família, porque ela é insubstituível sob diversos pontos de vista, seria errado e contraproducente fixarmo-nos numa visão abstrata e idealista, bastante fora da realidade no que respeita ao seu papel na transmissão da fé. Não se podem ignorar as recomposições sociais da instituição familiar, e hoje são bem perceptíveis os limites que condicionam o papel da família. Mesmo para uma criança, a família não é o único centro da vida social, há outros lugares de aproximação à vida que ganham relevo e são insubstituíveis: de facto, ao lado da escola, da família e da Igreja, os meios de comunicação social, as experiências sociais através dos amigos (dos pares) e o espaço público “exercem uma influência considerável na construção dum indivíduo pela sua educação, a sua socialização e a sua inculturação” ⁷. Mais ainda: o papel da família

⁵ Cf. G. ANGELINI, *La famille affective. Difficultés systémiques du rapport familial dans les sociétés complexes*, in *Lumière et Vie* 60 (2005) 414; H. DERROITTE, *Une catéchèse qui change*, 367; R. MION, *La famiglia oggi in Italia. Elementi critici e opportunità educative per comunicare la fede*, in *Catechesi* 80, 5 (2010-2011) 47 s.

⁶ G. ANGELINI, *La famille affective*, 409 s. Cf. G. ROUTHIER, *Le rôle de la famille dans la formation chrétienne*, in *Lumen Vitae* 60, 4 (2005) 454.

⁷ G. ROUTHIER, *Le rôle de la famille*, 452. Cf. ainda M. VILLERS, *D'une catéchèse de transmission*, 81; A. DILLEN, *“L'essentiel est invisible pour les yeux”. Des familles contemporaines en tant que sujet religieux?*, in *Lumen Vitae* 60 (2005) 429.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

situa-se dentro de um conjunto de influências não coerentes entre si, cada vez mais até em flagrante descontinuidade ou mesmo contradição.

1.3. A vivência e transmissão da fé sob novas circunstâncias e exigências

Nesta ordem de ideias, importa lembrar as circunstâncias socioculturais que condicionam hoje em dia o viver pessoal crente e envolvem a vida eclesial, tornando mais problemático o lugar da família na transmissão da fé. Temos vindo a assistir a transformações epocais na consciência, na afirmação e na prática da fé, transformações essas que estão muito longe de estarem concluídas e, sobretudo, de terem sido devidamente assumidas em todas as suas exigências e consequências. Limito-me aqui a duas breves observações.

Desde logo e basicamente existe um processo de secularização da sociedade que continua, um processo que não apenas relativiza e questiona a validade e o sentido de uma atitude crente responsável e amadurecida (não necessariamente o religioso epidérmico, de autosatisfação de necessidades imediatas ou ancestral-folclórico...), como sobretudo vem acompanhado por uma pluralização ampla das visões do mundo e dos modos de vida, das opções que se apresentam, dos valores que se defendem, das estruturas relacionais que tecem a vida da sociedade. A relativa homogeneidade existente no passado desapareceu não só em termos globais, mas mesmo dentro das próprias famílias. Neste mundo marcado por uma cultura pluralista, a verdade que se pretende afirmar – também a verdade cristã – situa-se agora inevitável e definitivamente num contexto de processo e relatividade históricos, sujeita a um conflito de interpretações, sob a exigência de opções e convicções pessoais que cada um é chamado a fazer e a ter.

Concomitantemente, estamos perante o que se tem chamado a "viragem subjetiva da cultura contemporânea" (Ch. Taylor). A individualização dos caminhos de realização pessoal e a correspondente autonomia do sujeito que a modernidade nas suas diversas fases tem favorecido – acentuando o valor absoluto da pessoa, a autonomia da consciência, a criatividade, a liberdade e o pluralismo dos projetos de vida – emergem aqui como determinantes, implicando uma mudança radical na maneira de viver as relações identidade-pertença. Deixado irreversivelmente para trás o contexto sociocultural de "cristandade", os caminhos de possível adesão à fé não

estão mais tão decisivamente dependentes da tradição e herança recebidas. A adesão pessoal já não é uma questão de pertença, de inserção e compromisso comunitários, ela é personalizada, móbil, crítica ou indiferente face a uma ordem normativa tradicional ⁸.

Não se encara saudável e criativamente estes novos pressupostos e condições do viver crente, se cairmos simplesmente em derrotismos, pessimismos e condenações estéreis. Os desafios e interpelações, sem dúvida grandes, até enormes, aqui contidos pedem, antes, tomada de consciência da realidade, sentido crítico, capacidade de mudança, atitude positiva em termos de busca criativa. Há que partir do reconhecimento de que uma grande parte das nossas aparelhagens teóricas, dos nossos paradigmas intelectuais são obsoletos para pensar a complexidade irreduzível das situações e de que é indispensável encetar caminhos diferentes e novos, em termos de modos de pensar e modos de agir ⁹. É-nos exigida uma grande capacidade de aprendizagem e de criatividade, na consciência da necessidade de uma maior correlação crítica mútua entre interpretação da tradição cristã e a nossa experiência contemporânea.

1.4. Reaprender a propor a possibilidade e a credibilidade da fé

Nestas circunstâncias, estando posta substancialmente em causa a transmissão cultural da fé ¹⁰, tanto o papel da família como a tarefa evangelizadora da comunidade eclesial passam decisivamente pela capacidade de saber propor a fé. Caminhamos progressivamente para situações em que urge o primeiro anúncio da fé (a maior parte das vezes, na nossa situação ainda, um primeiro anúncio renovado...), em que a visão cristã da vida a partir do Evangelho se tem de saber apresentar como proposta

⁸ Cf. M. VILLERS, *D'une catéchèse de transmission*, 84-88; J. LUIS MORAL, *Un nuovo paradigma: da una cultura essenzialista a una cultura ermeneutica*, in *Catechesi* 84, 2 (2014-2015) 19; J. RUBIO FERNÁNDEZ, *Uma sociedad deslizando y patinadora. Radiografía, diagnóstico y tratamiento*, in *Sal Terrae* 103 (2015) 567-584; L. VOYÉ, *Dieu a changé. Où le trouver?*, in *Recherches de Science Religieuse* 104 (2016) 331-352.

⁹ Cf. D. VILLEPELET, *Comment favoriser aujourd'hui la reconnaissance de soi et le sentiment d'appartenance à la communauté chrétienne?*, in *Lumen Vitae* 56 (2001) 17; J. LUIS MORAL, *Un nuovo paradigma*, 11 ss.; P.-M. CARRÉ, *Les préoccupations des familles concernant la transmission de la foi*, in *Lumen Vitae* 70 (2015) 126 s.

¹⁰ Cf. F. PLAJER, *La transmission religieuse interrompue*, in *Lumen Vitae* 56 (2001) 5-14; E. BIEMI, *La prospettiva missionaria. Una chiave per la conversione della catechesi e della pastorale*, in *Catechesi* 84,1 (2014-2015) 5 ss; G. ROUTHIER, *Un passage qui déplace le lieu de l'Église*, in *Catéchèse* 173 (2003) 33.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

que interpela consciências e liberdades, mas não aparece apoiada por evidências culturais, plausibilidades racionais, contextos de relação social favoráveis à partida.

Esta passagem de um "cristianismo de herança" a um "cristianismo de proposta" supõe e exige transformações profundas, de consciência e de prática, envolvendo todos os níveis e configurações do viver eclesial, todas as comunidades e grupos dentro da Igreja, as prioridades e os modos de entender e praticar a presença cristã e eclesial nas circunstâncias do quotidiano. Tem de se passar de uma Igreja vista sobretudo como "instituição de enquadramento" para uma comunidade eclesial consciente de que a sua primordial tarefa é ajudar a gerar pessoas crentes, por caminhos e histórias de vida que só Deus conhece e pode fazer frutificar. Isto coloca em primeiro plano a pergunta sobre a convicção crente que qualifica verdadeiramente a vida das pessoas e das nossas comunidades (ou seja, a convicção de que temos algo de valioso a propor como ajuda a viver) e sobre os caminhos que contribuam para fortalecer convicções, gerando nos cristãos aquela atitude de verdade, confiança e esperança que faz olhar a vida de outro modo e dar sinais da diferença cristã.

O diálogo como atitude fundamental cristã encontra aqui, nas suas diversas expressões, um lugar insubstituível. "Propor sugere não só que se esteja apto a entrar em diálogo com os nossos contemporâneos, mas sugere ainda que o diálogo ou a conversação não são simplesmente uma forma exterior, uma estratégia apropriada ou uma modalidade melhor ajustada à situação presente, mas representam uma estrutura mesma da revelação"¹¹. É por esse diálogo, traduzido em anúncio, testemunho, acompanhamento, acolhimento, autenticidade, que passa a possibilidade da proposta cristã e sua credibilidade.

2. A família e a proposta da fé: problemas, desafios, tarefas

Nesta segunda parte reflito direta e principalmente sobre o papel da família na proposta da fé. Todavia, como é óbvio, estão em causa também indicações que, envolvendo, condicionando e questionando o agir educativo da família, a transcendem e interpelam a ação pastoral da Igreja.

¹¹ G. ROUTHIER, *Un passage*, 53 s. Cf. H. DERROITTE, *La catéchèse de proposition*, in *Catéchèse* 173 (2003) 17 ss.

2.1. Uma atitude básica de esperança realista

Na família vivem-se experiências existenciais fundamentais para que a opção de fé possa fazer sentido e ser crível: a confiança e o amor experimentados no cotidiano, a esperança de uma vida feliz e as decepções dos limites e fracassos que surgem, a aceitação incondicional do outro e o perdão, a vida que nasce mas também a emergência do sofrimento e da morte¹². Propor a fé como caminho de vida para os filhos é tarefa que os pais cristãos não podem deixar de assumir, com a consciência de todos os riscos possíveis, mas também com a alegria, a coragem e a esperança de quem lhes quer dar o melhor que tem a oferecer.

A afirmação, sempre necessária, deste direito e dever dos pais tem de estar acompanhada por uma sensibilidade realista quanto à capacidade e à possibilidade efetiva de as famílias cumprirem esta sua tarefa. Uma certa “erosão” que se verifica hoje no papel educativo dos pais gera muitas vezes neles uma sensação de insegurança e de incompetência, favorecendo reações de defesa ou até de receio¹³. Não ajudam aqui discursos idealistas nem simples apelos morais (moralizantes) sobre essa responsabilidade. Mais ainda: não se pode pôr sobre os ombros dos pais responsabilidades e tarefas que os próprios agentes pastorais também não são capazes de cumprir.

Importa saber partir da vida concreta e agir com uma esperança realista, tendo um olhar positivo sobre o que se vive em família e valorizando as potencialidades existentes apesar de todos os limites. Tomando como referência o relato evangélico da multiplicação dos pães, escreve Gilles Routhier: “O desafio é acolher com alegria e esperança estes cinco pães e estes dois peixes que oferecem hoje as famílias, quaisquer que sejam as suas fragilidades e os desafios imensos que elas têm a enfrentar”¹⁴. “É preciso ter a convicção de que há em toda a família, qualquer que seja o seu estado, uma tal riqueza de laços, de valores, de realidades positivas, que pelo menos algum elemento subsiste sempre sobre o qual é possível apoiar-se para se pôr a caminho”¹⁵.

Entender a tarefa de propor a fé (como aliás todo o empenho educativo) como um desafio de esperança realista é atitude básica decisiva. Nesta

¹² Cf. A. DILLEN, “*L’essentiel est invisible pour les yeux*”, 427; G. QUINZI, *Relazionalità familiare, processi educativi e comunicazione nella fede*, in *Catechesi* 80, 5 (2010-2011) 55 s.

¹³ Cf. A. SALGADO RUIZ, *Diversidad y unidad*, 477.

¹⁴ G. ROUTHIER, *Le rôle de la famille*, 457.

¹⁵ F. BOUSQUET, *Le discours chrétien sur la famille*, 55.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

abertura aos sinais do Reino de Deus já presentes no meio das vicissitudes familiares quotidianas está um pressuposto essencial para que a tarefa possa ser minimamente cumprida pelos pais e para que a comunidade eclesial – em tudo o que faz com as famílias e para as famílias, desde os processos de formação cristã à pastoral familiar global – possa verdadeiramente ajudá-las, fazendo caminho com elas. Utilizando a metáfora da "maternidade", C. Dollard enuncia alguns aspetos do papel "maternal" da Igreja nesse caminho: "alimentar, encorajar e consolar; caminhar ao lado dos seus filhos, escutar com compaixão e sem se tomar demasiado a sério; ajudar famílias inteiras a descobrir a 'teologia' que emerge das suas próprias vidas; tornar-se vulnerável e acreditar nestas famílias; permanecer aberta; ensinar-lhes como servir; e, acima de tudo, ter a humildade de crer que as famílias têm nelas os dons para crescer, amadurecer e dizer 'Sim' à vida e para tornar-se quem elas, criadas por Deus, são chamadas a ser"¹⁶.

2.2. A importância crucial do que se vive

A proposta da fé só tem possibilidade de ser acolhida se houver sinais de sentido, de coerência, de verdade vivida, de existências crentes credíveis, desde os pais aos agentes pastorais, desde os membros da comunidade cristã aos homens e mulheres que, um pouco por todo o lado, dizem ser cristãos. Aquilo que se vive no espaço familiar, a atitude dos pais, seus valores, seus comportamentos são decisivos, como aliás acontece em toda a ação educativa: "Antes de ser um discurso, a educação é a consequência duma qualidade relacional. O adulto educa mais com o que é do que com o que diz" ¹⁷.

As circunstâncias da vida de hoje voltam a sublinhar – talvez como nos primórdios do cristianismo – que o acolhimento da fé acontece mais e melhor através do testemunho cristão que conta o que aconteceu e continua a suceder do que através do dizer o que é preciso crer. Ressaltam aqui como possível interpelação os indicativos resultantes daquilo que se vê ser e fazer. Não se trata de transmitir informação, mas de sugerir e mostrar, com a autenticidade, coerência e simplicidade possíveis, modos de viver, itinerários

¹⁶ C. DOLLARD, *Les joies et les enjeux de l'accompagnement des familles sur le chemin de la foi. Le catéchuménat en Angleterre et au Pays de Galles*, in *Lumen Vitae* 70 (2015) 231. Cf. A. FOSSION, *Pour une pastorale de la moisson. Quel regard? Quelle pratique?*, in *Christus* n° 252 (2016) 61-69, part. 61.

¹⁷ T. ANATRELLA, *Eduquer l'affectivité?*, in *Catéchèse* 109 (1987) 34.

de vida. O que pode acontecer mesmo através de circunstâncias difíceis, porventura até algo contraditórias, que possam atravessar a vida familiar ¹⁸.

Tomar este dado – o aspeto testemunhal – com toda a amplitude e exigência significa ter de reconhecer que a primeira preocupação dos pais não pode ser simplesmente a fé dos filhos, mas a pergunta pela sua própria fé e pelo seu crescimento na vivência da fé. Isso torna inequívoca a exigência, a que hoje todos estamos mais sensíveis, de que não se pode pensar a transmissão da fé às crianças e aos jovens sem pensar, ao mesmo tempo, no caminho de fé dos pais (e familiares) ¹⁹. O que, no entanto, não deve conduzir-nos a absolutizações irrealistas ou a opções práticas uniformizantes que não respeitam a pluralidade de situações e os caminhos concretos que os pais e as famílias são capazes, realisticamente, de percorrer.

2.3. A proposta da fé como caminho de crescimento em liberdade e responsabilidade

A opção cristã só pode ser uma opção de liberdade, no acolhimento de algo gratuito que, nas circunstâncias da vida, nos é oferecido como dom. Sem essa experiência da gratuidade do dom e a valoração pessoal do que tal significa a fé não se enraiza como orientação fundamental da existência, como caminho de vida em progressiva maturação. A atitude de fé é assim, pois, eminentemente uma opção da liberdade humana e só pode ser transmitida como proposta, como um apelo à liberdade e à responsabilidade de cada pessoa, na especificidade do seu próprio caminho. A proposta cristã procura acolher, pois, o desejo e a necessidade de a pessoa ser “sujeito”, com a sua individualidade histórica e personalidade própria, crescendo interiormente na capacidade de assumir por si todo um caminho de vida, com os seus riscos mas também com as suas esperanças.

Há que perceber e aceitar em todas as consequências que estamos diante de um acontecimento de liberdade e uma oferta à liberdade. Na sua proposta de fé aos filhos, os pais têm de estar conscientes que não

¹⁸ Cf. A. BERÁSTEGUI PEDRO-VIEJO, *Vocación y misión de la familia en la Iglesia y en la sociedad*, in *Sal Terrae* 103 (2015) 514.

¹⁹ Cf., por exemplo, J. VALLABARAJ, *Catechesi familiare come apprendimento catechetico intergenerazionale*, in *Catechesi* 79, 5 (2009-2010) 31-43; A. DELGADO GÓMEZ, *Catequesis familiar en la Parroquia Ntra. Sra. De las Rosas*, in *Teología y Catequesis* 127 (2015) 187-202; A. ROMANO, *Genitori e iniziazione cristiana dei figli. Dal contributo esterno alla corresponsabilità piena nella comunità*, in *Catechesi* 83, 2 (2013-2014) 13-28.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

determinam o seu futuro em termos de orientação e prática crentes. É-lhes pedida a humildade de reconhecer que não são donos de ninguém, que os caminhos da vida como percurso de longo prazo são marcados por experiências e acontecimentos que não dominam, que o diálogo de cada pessoa com o Mistério de Deus através da sua consciência e nas circunstâncias da sua própria história de vida é insondável. Propor a fé é, fundamentalmente, saber acompanhar as pessoas, procurar semear, sem se poder prever de antemão a colheita, é ter consciência de que se fez o que se poderia e deveria fazer, não esquecendo que somos sempre servos inúteis e esperando confiadamente que Deus suprirá os nossos limites e fará o que é decisivo, do modo que só Ele sabe no concreto da vida de cada pessoa ²⁰.

Nesta perspetiva, a proposta da fé no âmbito familiar pede, pois, percursos de proximidade pessoal, que permitam atender às pequenas coisas do quotidiano e que sejam acompanhados por um constante diálogo. O diálogo entre pais e filhos sobre a fé, sobre o quotidiano lido à luz da fé, sobre as certezas e as dúvidas que acompanham o viver humano, é elemento fundamental dessa proximidade que olha para a vida humana como alfabeto de Deus ²¹. Capacitar os pais para este diálogo, ajudá-los na atitude de escuta mas também dar-lhes capacidade de palavra – uma palavra adequada, atual e pertinente – é uma tarefa essencial da comunidade cristã e seus agentes pastorais. E isso passa, antes de mais, não por um estilo de endoutrinação massiva sobre o que as famílias devem ser e fazer, mas pela escuta das muitas interrogações que os pais trazem consigo. Nas nossas reuniões com os pais estamos ainda muito preocupados em dar-lhes doutrina (teológica ou outra) e muito pouco habituados a ouvi-los nas suas necessidades, dúvidas e problemas ²².

²⁰ Cf. G. QUINZI, *Relazionalità familiare*, 61; J. J. RUEDA ESTEBAN, *Esperanzas y frustraciones del educador*, in *Sal Terrae* 99, 8 n° 1159 (2011) 705-718; P.-M. CARRÉ, *Les préoccupations des familles*, 127 s. Cf. ainda *Amoris Laetitia*, n°s 261 s. e 267.

²¹ Cf. M. TUYET, *La transmission de la foi dans la famille vietnamienne*, in *Lumen Vitae* 60, 4 (2005) 447; G. DE TAISNE, *La famille aujourd'hui. Paradigmes et enjeux pour la transmission de la foi*, *Lumen Vitae* 60, 4 (2005) 405; E. BIEMI, *La prospettiva missionaria. Una chiave per la conversione della catechesi e della pastorale*, in *Catechesi* 84,1 (2014-2015) 3-19, aqui 18.

²² Cf. H. DERROITTE, *Une catéchèse qui change*, 382; A. DILLEN, "L'essentiel est invisible pour les yeux". 432; J. VALLABARAJ, *Formazione della famiglia per la comunicazione della fede*, in *Catechesi* 80, 5 (2010-2011) 74-78.

2.4. O testemunho crível de verdadeira humanidade

Propor a fé como algo que interpele a liberdade e a responsabilidade pessoais pressupõe e traduz a convicção cristã de que a vivência crente é caminho de verdadeira humanidade. A proposta da fé e sua credibilidade está estruturalmente dependente, quer como exemplo de vida quer como mensagem dirigida a pessoas concretas, da qualidade de vida humana que deixa transparecer, da capacidade de mostrar que a opção cristã é caminho de autêntica e feliz realização humana.

Isso quer dizer que é contraditório propor ideais, normas ou regras “religiosos”, se não são suportados por valores e práticas elementares de simples e verdadeira humanidade. A família, os pais em particular, só podem ser testemunhas de fé, se nas suas vidas – reconhecidos os limites e falhas humanos sempre existentes – houver uma atitude básica, uma preocupação elementar de verdadeira e profunda humanidade: nos relacionamentos e nos comportamentos, nos valores que contam e no modo como se encara a vida, nas situações que surgem no espaço familiar ou na vida social. A família é fonte de humanização ou não cumpre a sua tarefa primordial ²³. Sem esta base de humanidade – uma humanidade vivida nas pequenas/grandes coisas do quotidiano – as interpelações que podem conduzir à fé, o despertar para o sentido do verdadeiro Deus ou a educação da consciência moral ficam truncados, sem suporte consistente e crível. Também aqui – como em toda a formação cristã em geral – trata-se sempre de ajudar a pessoa a realizar com êxito o seu projeto pessoal de vida (não apenas a ser membro da Igreja!) à luz do amor de Deus, seus dons e suas interpelações ²⁴.

Nos caminhos de uma verdadeira humanidade à luz do Evangelho é essencial a educação para o amor e o fomento da capacidade de doação. Gratuidade, perdão, esperança, respeito pelo outro, sentido de serviço, dom de si são caminhos necessários de amor a Deus e ao próximo. A experiência do amor e a aprendizagem da capacidade de amar é que fazem da família lugar nevrálgico de educação humana e cristã ²⁵.

²³ Cf. *Christifideles Laici*, nº 40; G. ALCAMO, *Evangelizzare ed educare: un “intreccio fecondo”*, in *Catechesi* 82, 1 (2012-2013) 56.

²⁴ H. DERROITTE, *Une catéchèse qui change*, 378 s.

²⁵ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 53; P.-M. CARRÉ, *Les préoccupations des familles*, 131.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

2.5. Ajudar a entender e viver o essencial da experiência cristã

Concretizar a proposta da fé em termos de verdadeira humanidade não pode acontecer sem que, simultaneamente, se saiba discernir o essencial da experiência cristã, aquilo que verdadeiramente nos pede e promete o Evangelho de Jesus. Há muita coisa no cristianismo afirmado e vivido tradicionalmente que, por deficiência ou ausência de leitura humana e crente dos sinais dos tempos, não é compatível com um simples exercício de razoabilidade humana, mais ainda, não aguenta a pergunta se estamos a respeitar o verdadeiro Deus em muitas valorações que fazemos, ideias e representações que temos, práticas que realizamos. Como cristãos, não há que ter medo de ir contra a corrente de mentalidades e práticas contemporâneas na sociedade em que vivemos, desde que estejamos atentos, ultrapassando-os, a anacronismos de mentalidades, de linguagens, de práticas devocionais, de interpretações bíblicas, etc. O caminho do futuro neste aspeto, questionando decisivamente a credibilidade do cristianismo, não vai seguramente sem uma grande depuração ²⁶.

Desde logo isto exige, em todas as dimensões em que a vida eclesial se concretiza, uma renovada consciência de que o essencial da proposta da fé não passa simplesmente por um conjunto de verdades a saber e a afirmar, mas por uma atitude global de vida que envolve todos os aspetos – grandes ou pequenos – da mesma vida. Não se pode – é óbvio – relativizar a verdade fundamental da fé, os seus conteúdos essenciais, aquilo que constitui a identidade cristã. Mas – sublinhou-o o Concílio Vaticano II e mais recentemente o Papa Francisco – há uma “hierarquia das verdades da fé”, que não pode deixar de nos interpelar existencialmente e na apresentação do que somos chamados a crer e a viver ²⁷. Nessa hierarquia das verdades há um núcleo decisivo que vai do reconhecimento do amor salvífico gratuito de Deus que interpela a nossa liberdade à busca de uma correspondência prática na vivência do amor a Deus e ao próximo. Propor a fé não é propor um catecismo, por mais significativos que sejam os conteúdos e a forma de os expressar, mas pôr pessoas a caminho na descoberta do que verdadeiramente importa para uma vida com sentido.

²⁶ Cf. G. DE TAISNE, *La famille aujourd'hui*, 406. Cf. ainda *Evangelii Gaudium*, nºs 40-43; A. FOSSION, *La nécessaire révision des représentations religieuses aujourd'hui*, in *Lumen Vitae* 65 (2010) 365-382.

²⁷ Cf. *Unitatis Redintegratio*, nº 11; *Evangelii Gaudium*, nºs 34-39.

De resto, o decisivo da proposta da fé, também na e pela família, tem que ver com a ajuda a um encontro pessoal com a pessoa de Jesus e seu Evangelho ²⁸. No início da atitude cristã – como lembrou magistralmente Bento XVI na *Deus Caritas Est*, nº 1 – está sempre esse encontro, essa descoberta, por mais limitada que ela porventura seja. É esse encontro que importa propor, ajudar a experimentar. Talvez porque estejamos demasiado fixados em conhecimentos e doutrina, talvez porque estejamos mais determinados pela religião do que pela fé, talvez porque o nosso encontro com Jesus seja demasiado débil, não é isso o que muitas vezes as crianças e os jovens encontram nas nossas famílias ou nas nossas comunidades cristãs. É mais fácil transmitir “religião” do que propor itinerários possíveis e credíveis de vida crente no encontro pessoal com Jesus.

2.6. A atenção aos diversos lugares de mediação possível da proposta cristã

Por mais insubstituíveis que sejam os pais como testemunhas duma fé vivida, por mais que a família deva ser valorizada na importância do seu papel, sabemos todos que não é possível uma experiência cristã plena, amadurecida, sem o testemunho e a experiência plural de outros crentes, sem suporte e integração comunitários, qualquer que seja a configuração concreta desse viver comunitário-ecclesial ²⁹. O que deve ser tido particularmente em conta nas circunstâncias sociais e culturais presentes e previsivelmente futuras, em que a família será menos determinante – muito menos, lugar exclusivo – na mediação da proposta cristã de vida.

Daqui resulta, antes de mais, a necessidade de as famílias alargarem os seus horizontes de consciência, prestando atenção aos diversos meios e possibilidades através dos quais a fé pode interpelar as crianças ou os jovens. Mesmo que os pais permaneçam o ponto de referência mais importante, até pela singularidade da sua função, há – para além das

²⁸ Cf. D. VILLEPELET, *Propos sur les paradigmes catéchétiques contemporains*, in *Catéchèse* 165 (2001) 237 s.; G. CASAROTTO, *Prospettive ed esperienze di conversione missionaria della catechesi e della pastorale*, in *Catechesi* 84, 1 (2014-2015) 39; J. LUIS MORAL, “*Incontriamo Gesù*” per incontrare Gesù? *Catechesi d’incarnazione per andare oltre il “rinovamento-orientamento”*, in *Catechesi* 85, 6 (2015.2016) 61-71.

²⁹ Cf. D. LALIBERTÉ, *Famille et catéchèse: poser la question autrement?*, in *Lumen Vitae* 70 (2015) 184-186; H. DERROITTE, *Le forme della catechesi comunitaria. Fondamenti, frutti, valutazioni*, in *Catechesi* 84, 1 (2014-2015) 23 e 31.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

mediações tradicionais – cada vez mais lugares, mediações e situações, onde as crianças e os jovens são confrontados com questões que interpelam os seus caminhos e projetos de vida: basta pensar nos novos meios e tecnologias de comunicação, nos momentos e grupos vários de convívio, nos movimentos de juventude dentro ou fora da comunidade cristã, nas iniciativas e acontecimentos esporádicos com relevância cultural e cristã ³⁰.

Não se pode pensar responsabilmente na capacidade familiar e eclesial de propor a fé, sem se olhar com muito maior atenção para estas mediações. Da parte da família, isto significa toda uma sensibilidade atenta e um sentido de responsabilidade acrescido no relacionamento com essas instâncias e lugares e na percepção e valorização do que eles representam. No que respeita às comunidades eclesiais e aos agentes pastorais, emerge a tarefa prioritária de ajudar as famílias na sua capacidade de reflexão, participação e intervenção perante as interpelações e os desafios que aqui se apresentam.

Deste modo percebe-se bem como a relação das famílias com a vida das comunidades cristãs e vice-versa constitui uma tarefa de crucial importância, um ponto mesmo nevrálgico, em termos de ação pastoral. Cada vez mais é insuficiente, até contraditório, insistir no princípio da responsabilidade da família na formação cristã, sem a capacidade de olhar para a real situação das famílias, sem escutá-las na sua vida, dificuldades e preocupações concretas, sem as valorizar como "sujeitos" envolvidos no conjunto da vida das comunidades. A questão do lugar que as famílias ocupam na vida das nossas comunidades é cada vez mais decisiva, se se quer ser coerente com a importância teórica que se lhes atribui e se se quer verdadeiramente ajudá-las na sua tarefa de propor a fé. Em causa está algo mais do que a "pastoral familiar". Torna-se "necessário que a família encontre o seu lugar na Igreja, o que implica considerar seriamente a possibilidade de inscrever aí atividades de tipo familiar e que as comunidades deem um lugar real às famílias 'de geometria variável' e nem todas talhadas sobre o modelo ideal que se quereria" ³¹. Entender o serviço à família como dimensão essencial da comunidade cristã, repensar os laços entre as comunidades cristãs (nas suas diversas configurações possíveis, e não apenas em termos paroquiais) e as famílias é tarefa de primeira grandeza ³², a exigir criatividade

³⁰ Cf. A. DILLEN, "L'essentiel est invisible pour les yeux", 429 s.; M. VILLERS, *D'une catéchèse de transmission*, 81; H. DERROITTE, *La catéchèse de proposition*, 26.

³¹ G. ROUTHIER, *Le rôle de la famille*, 456.

³² Cf. *Amoris Laetitia*, n.ºs 200-202; H. DERROITTE, *Avec les familles, pastorale et catéchèse en pleine restructuration*, in *Lumen Vitae* 70 (2015) 143-155; D. LALIBERTÉ, *Famille et catéchèse*, 181-188.

de iniciativas e relacionamentos, disponibilidade de pessoas e conscientes opções pastorais, serviços de ajuda simples mas acolhedora às famílias e suas dificuldades. Onde é que existem nas nossas comunidades – poderia perguntar-se – pessoas e serviços disponíveis para acompanharem com atenção competente a vida das famílias no respetivo meio, sem olharem à circunstância de serem ou não cristãs?

2.7. A urgência de uma profunda renovação pastoral

O que se acaba de referir ilustra como a tarefa de repensar e renovar a relação comunidades cristãs-famílias suscita a questão de saber se as nossas comunidades, se as estruturas eclesiais, se as orientações pastorais correntes estão preparadas para e são capazes de enfrentar com qualidade e visão do futuro os desafios que aqui se apresentam. As conhecidas fragilidades estruturais das comunidades cristãs tradicionais como suportes criativos de vivência da fé, a questão dos recursos humanos (número e qualidade de ministros ordenados, agentes pastorais leigos e consagrados) que as comunidades eclesiais efetivamente têm (ou não têm!), a verificação lúcida de insuficiências várias das práticas pastorais dominantes conduzem-nos a sublinhar a urgência de uma profunda renovação pastoral. É isso, aliás, o que nos pede com, clarividência evangélica e linguagem acutilante o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, ao apontar para uma renovação eclesial inadiável ³³.

O bom senso humano, um espírito cristão abrangente e um sentido pastoral amadurecido dizem-nos que devemos saber acolher as pessoas no seu concreto caminhar, ter a paciência de ir dando pequenos passos com elas, compreender que todas as nossas visões e propostas de ação têm de ser depuradas em diálogo fraterno e estar subordinadas às surpresas e às interpelações do Espírito. Mas, definitivamente, é chegado o tempo de colocarmos as questões com toda a frontalidade, sabendo bem como o ar que se respira no quotidiano eclesial condiciona, determina mesmo muitas das limitações, incapacidades e atavismos pastorais que se continuam a registar. A realidade de um certo mutismo, insegurança, apatia ou falta de coragem por parte de muitas famílias ditas cristãs não pode ser desligada da realidade que se vive em muitas das nossas comunidades e nas dificuldades que elas têm em renovar-se. Não é possível reavivar criativamente

³³ Cf. *Evangelii Gaudium*, n.ºs 27 e 33. Cf. também A. FONTANA, *Evangelii Gaudium e nuove prospettive pastorali e catechistiche*, in *Catechesi* 83, 5 (2013-2014) 53-72.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

o lugar das famílias na proposta da fé, se as mentalidades e opções dominantes afinam mais pela manutenção de um certo estilo de cristandade do que por uma perspectiva missionária e evangelizadora, capaz de autocrítica e de correções profundas. "Quando uma comunidade está mais preocupada com as suas estruturas e a sua sobrevivência do que com os indivíduos, ela corre o risco de perder o seu vigor profético e a força de convicção da sua mensagem" ³⁴.

A renovada visão pastoral que se exige traduz-se, pois, basicamente numa atitude mental e prática de quem se dispõe corajosamente a deixar "odres velhos" e a tentar percorrer caminhos novos na sensibilidade aos problemas e esperanças reais das pessoas. O que passa inevitavelmente – uma vez que ninguém tem soluções "chave na mão" – por processos longos e porventura até dolorosos de aprendizagem, de tolerância face ao imperfeito, de abertura criativa ao incerto e inesperado, de capacidade de risco perante as situações e problemas que se apresentam. Não é um caminho fácil – nem em termos de opções pessoais de vida nem em termos de orientações comunitárias globais –, mas uma leitura crente lúcida indica-nos inequivocamente que não se pode permanecer substancialmente no "status quo", olhando para as "cebolas do Egito" que nunca mais voltará a haver.

Em boa verdade, trata-se aqui de uma verdadeira "revolução copernicana" na organização, no estilo, nas opções de muitas das nossas comunidades. Se, realisticamente, é preciso saber responder às necessidades, pedidos e hábitos que brotam dum catolicismo tradicional, isso tem de ser feito conscientemente com os olhos voltados para o futuro, ajudando as pessoas a crescerem na fé, a viverem momentos de discernimento crítico, a tomarem consciência da vocação missionária de toda a comunidade. Antes de mais e decisivamente estão aqui em causa e devem ser examinadas as realidades comuns do quotidiano eclesial. Exemplifico: o modo como se celebra a fé e sua qualidade; a maneira como se anuncia a Palavra de Deus, na simples leitura, nas homilias, na formação cristã; a preparação e celebração dos batizados, casamentos e funerais; o sentido, a organização e a vivência das peregrinações a santuários ou das manifestações exteriores da fé; as formas e itinerários de anúncio e formação realmente propostos aos adultos, aos jovens e às crianças; a vivência e organização do serviço fraterno interno e externo da caridade; a vitalidade da corresponsabilidade laical, a qualidade dos conselhos pastorais, o modo como se decide na comunidade; as razões

³⁴ H. DERROITTE, *La catéchèse de proposition*, 26.

da não existência de verdadeiros ministérios laicais ou batismais; as estruturas e iniciativas de abertura e atenção à realidade das famílias no contexto social concreto, independentemente de serem ou não cristãs; os lugares de acolhimento que existem para os que pontualmente entram em contacto com a comunidade, etc. etc. etc. A elementar fidelidade cristã obriga-nos, pelo menos, a não iludir a realidade e a colocar honestamente as questões.

2.8. A proposta da fé como interpelação à família entendida como “Igreja doméstica”

Ao falar da família como “Igreja doméstica”³⁵ a consciência eclesial atual procura revalorizar e sublinhar o significado que a realidade familiar tem como lugar de proposta da fé, de realização eclesial, de serviço à humanidade. Com essa linguagem, que pode parecer excessiva face à realidade da vida familiar, com seus altos e baixos, esperanças e decepções, configurações mais próximas ou mais distantes daquilo que o ideal cristão propõe, está a utilizar-se certamente uma expressão que aponta mais para um projeto a viver e uma esperança a realizar do que para uma realidade já feita, em todas as suas dimensões.

Não podemos esquecer, todavia, que a vida da própria Igreja, tanto ao longo da história como no presente, é feita igualmente de altos e baixos, de caminhos de exemplaridade evangélica e de momentos de grande infidelidade. Mas mais ainda: toda a família que procura responder e corresponder, nas suas próprias circunstâncias, ao Evangelho de Jesus não pode deixar de confrontar-se com esse “excesso”, precisamente para se lembrar permanentemente das raízes que a fundam, para perceber-se como comunidade de pessoas a caminho na força do Espírito de Jesus, para ter um horizonte de esperança que a ilumina e fortalece na vida de cada dia, na tarefa de propor a fé, no seu lugar dentro da Igreja, no seu viver na sociedade.

Falar da família como “Igreja doméstica” tem, à partida, duas ressonâncias fundamentais. Por um lado, lembra-se à Igreja, “família de Deus no mundo”³⁶, que a experiência familiar diz algo de muito importante para a sua identidade

³⁵ Cf. *Lumen Gentium*, nº 11; *Apostolicam Actuositatem*, nº 11; *Gaudium et Spes*, nº 49; *Evangelii Nuntiandi*, nº 71; *Familiaris Consortio*, nºs 21 e 52; *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 1655-1658 e 2204-2206; *Amoris Laetitia*, nº 290. Cf. ainda M. A. FAHEY, *La familia como Iglesia domestica en el Vaticano II*, Concilium 260 (1995) 689-697.

³⁶ Cf. *Deus Caritas Est*, nº 25.

"A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja"

e missão. Por outro lado, e isto é o que mais nos importa aqui, na visão cristã a família é chamada a ter na sua identidade e no seu modo de viver traços eclesiais, traduzidos nuclear e estruturalmente em anúncio do Evangelho, celebração da fé, serviço fraterno, o que pode e deve ser concretizado em várias dimensões e atitudes presentes na vida familiar.

Nesta ordem de ideias, saber-se chamada a ser "Igreja doméstica" em termos de proposta da fé pede que a família tenha uma consciência renovada da importância do quotidiano vivido com carinho, tolerância, paciência e persistência, na certeza de que não há outro lugar por onde começa (ou não começa) a fidelidade cristã³⁷. Pede que, nas pequenas e nas grandes coisas, haja disponibilidade para perceber e escutar os sinais de Deus nas circunstâncias da história concreta de cada família. Pede que a celebração da fé comunitária esteja presente nos ritmos normais do viver familiar, não obstante todas as dificuldades internas e externas (também eclesiais!) que aqui se levantam. Pede que se aprenda a rezar com simplicidade e verdade e que essa disponibilidade não desapareça, face aos ritmos de vida e às novas circunstâncias que envolvem a vida familiar no seu conjunto. Pede que o amor cristão se traduza em entrega concreta e doação sacrificada, deixando pressentir por onde passa o essencial do Evangelho de Jesus e a fidelidade última à vontade de Deus. Pede que o diálogo em família possa ser sinal e instrumento do diálogo continuado que Deus quer manter com os seus filhos, nas situações de alegria e de paz, mas também nos momentos de dificuldade, fracasso ou tensão. Pede, enfim, que a família seja esse lugar onde podem emergir experiências humanas e crentes fundamentais que deem sentido à vida e mostrem como, apesar de todas as opacidades pessoais e comunitárias, o Mistério de Deus nos acompanha sempre com o seu amor misericordioso e com a sua força criadora de esperança.

³⁷ Cf. A. DILLEN, *"L'essentiel est invisible pour les yeux"*, 424 s. Cf. ainda A. BOLLIN, *La famiglia, "chiesa domestica" per la catechesi*, in *Catechesi* 84, 3 (2014-2015) 27-40; M. DAL SANTO, *Il momento domestico nella catechesi dell'iniziazione cristiana*, in *Catechesi* 84, 3 (2014-2015) 41-54.

A Exortação «Amoris laetitia»: leitura pedagógica

P. MANUEL QUEIRÓS DA COSTA (*)

Introdução

O Santo Padre Francisco publicou a Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia* a 19 de março de 2016. Nela, Francisco soube recolher a riqueza da comunhão eclesial de dois sínodos dedicados à família.

A chave geral para a sua interpretação pode ser assim equacionada: sendo o anúncio cristão sobre a família uma notícia feliz, o Papa lança um olhar sobre esta realidade a partir da alegria do amor vivido no concreto de cada família, com tudo o que supõe de acompanhamento, cuidado e solicitude. Nenhuma família pode ser abandonada: todas as situações – felizes ou não – encontram espaço no coração da Igreja. Assim, desafia-nos a *cuidar, com amor, das famílias porque elas não são um problema mas uma oportunidade* (AL, 7).

No quadro do *atelier* «catequese de adolescentes» das Jornadas Nacionais de Catequistas de 2016, apresentamos uma leitura pedagógica da Exortação apostólica tendo como preocupação o trabalho dos catequistas e das comunidades no acompanhamento dos adolescentes e suas famílias.

1. A Pedagogia do Papa Francisco

O Papa Francisco desafia os evangelizadores para uma boa comunicação pedagógica. Ele próprio usa muitas vezes as imagens nos seus textos, homilias e catequeses. No Carta Encíclica «*Evangelii gaudium*» quando fala da pregação refere-se ao valor das imagens:

(*) Catequeta. Coordenador da Evangelização da diocese de Vila Real. Professor de Didática da Educação Moral e Religiosa na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

A Exortação «Amoris laetitia»: leitura pedagógica

Um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, isto é, a falar por imagens. Às vezes usam-se exemplos para tornar mais compreensível algo que se quer explicar, mas estes exemplos frequentemente dirigem-se apenas ao entendimento, enquanto as imagens ajudam a apreciar e acolher a mensagem que se quer transmitir. Uma imagem fascinante faz com que se sinta a mensagem como algo familiar, próximo, possível, relacionado com a própria vida. Uma imagem apropriada pode levar a saborear a mensagem que se quer transmitir, desperta um desejo e motiva a vontade na direção do Evangelho (EG 157).

E logo a seguir sintetiza: *uma boa homilia, como me dizia um antigo professor, deve conter «uma ideia, um sentimento, uma imagem».*

Podemos afirmar que a própria exortação «Amoris laetitia» é um bom exercício pedagógico de comunicação. Apesar de extenso, podemos encontrar nela uma ideia, um sentimento e uma imagem.

Uma ideia

A ideia pedagógica de «Amoris laetitia» pode ser indicada com o verbo «facilitar»¹. Nas suas próprias palavras:

É verdade que, às vezes, «agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos» (AL, 310).

Falando do exercício de transmitir a fé aos filhos, o Papa indica que transmitir a fé equivale a dizer «facilitar a sua expressão e crescimento» (cf. AL, 289). Deste modo, o esforço de educar não se concentra na formulação de verdades ou na obrigação de comportamentos. Bem pelo contrário, o Papa exorta a facilitar:

«É bonito quando as mães ensinam os filhos pequenos a enviar um beijo a Jesus ou a Nossa Senhora. Quanta ternura há nisto! Naquele momento, o coração das crianças transforma-se em lugar de oração» (AL, 287).

¹ O verbo «facilitar» tem dois significados: «tornar fácil» e «facultar».

No que aos adolescentes diz respeito, o Papa aconselha:

Os adolescentes habitualmente entram em crise com a autoridade e com as normas, pelo que é conveniente estimular as suas experiências pessoais de fé e oferecer-lhes testemunhos luminosos que se imponham simplesmente pela sua beleza (AL, 288).

Facilitar não quer dizer facilitismo. Pode-se e será oportuno facilitar as questões mais difíceis. Concretizando, o Papa trata na Exortação dois temas difíceis como são o da sanção e da educação sexual, aconselhando os pais a dialogar com os seus filhos sobre esses temas. Assim, a sanção aplicada por quem os ama, não mutila o desejo, mas estimula a crescer em liberdade (cf. AL 268-270). A educação sexual não pode concentrar-se apenas no convite a «proteger-se» procurando «sexo seguro», encorajando levemente a utilizar a outra pessoa como «objeto de experiências». Antes, pelo contrário, aqueles que lhe deram a vida procuram ensinar um percurso pelas diversas expressões do amor, o cuidado mútuo, a ternura respeitosa, a comunicação rica de sentido (cf. 283).

Um sentimento

O sentimento motivante da Exortação é a alegria, a «dilatação da amplitude do coração», uma definição colhida de São Tomás de Aquino².

O tom linguístico do Papa transmite a alegria do Evangelho que Jesus Cristo concede a todos; alegria porque ultrapassa a artificial divisão entre «regular» ou «irregular» mas coloca todos sob a instância comum do Evangelho.

O bilhete de identidade do cristão é a alegria: a admiração diante da grandeza de Deus, do seu amor, da salvação que doou à humanidade não pode deixar de levar o crente a uma alegria que nem sequer as cruces da vida podem afetar, porque também na provação há a certeza de que Deus está connosco³.

Alegria de saber-se amado, que brota da certeza da ternura de Deus para com o ser humano, a alegria do encontro amoroso em família, a alegria de dar e partilhar.

² Cf. Summa theologiae, I-II, q. 31, art. 3, ad 3.

³ Cf. Papa Francisco, Reflexão matutina de 23 de maio de 2016.

Uma imagem

A imagem-símbolo do Papa Francisco na Exortação é posta em destaque através da cena feliz do filme *A festa de Babette*⁴, quando a generosa cozinheira recebe um abraço agradecido e este elogio: «Como deliciarás os anjos!» (cf. AL, 129). A cena do agradecimento final dos convidados sintetiza um processo pelo qual os gestos de Babette vão transformando a expressão dos rostos dos comensais. Um após outro, a cozinheira serve os pratos cuidadosamente preparados e, progressivamente, provoca neles o prazer de quem se sente amado com tanto excesso, que muda o humor e converte os corações. É a pedagogia dos pequenos gestos que o Papa propõe às famílias e assumir, deste modo, a responsabilidade educativa:

com o carinho e o testemunho, gerar confiança nos filhos, inspirar-lhes um respeito amoroso. Quando um filho deixa de sentir que é precioso para seus pais, embora imperfeito, ou deixa de notar que nutrem uma sincera preocupação por ele, isto cria feridas profundas que causam muitas dificuldades no seu amadurecimento (AL, 263).

2. A vida familiar como contexto educativo

A pedagogia de *Amoris laetitia* não se limita a apresentar temas mas valoriza sobretudo as pessoas que possam ensinar de maneira profunda: *a família é o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos. É uma tarefa «artesanal», pessoa a pessoa* (AL 16).

Educação para o amor

Uma das afirmações mais poderosas do Papa é a de que na família se ensina a amar:

A força da família «reside essencialmente na sua capacidade de amar e ensinar a amar. Por muito ferida que possa estar uma família, ela pode sempre crescer a partir do amor» (AL, 53).

⁴ *Babettes gæstebud* (*A Festa de Babette*) é um filme dinamarquês de 1987, realizado por Gabriel Axel baseado num conto de Karen Blixen.

Insera-se aqui a educação sexual. O Papa é muito claro:

A linguagem do corpo requer uma aprendizagem paciente que permita interpretar e educar os próprios desejos em ordem a uma entrega de verdade. (...) Mas, quem fala hoje destas coisas? Quem é capaz de tomar os jovens a sério? Quem os ajuda a preparar-se seriamente para um amor grande e generoso? Não se toma a sério a educação sexual (AL, 284).

A família ensina aos filhos o amor a si próprio (autoestima), o amor aos outros – sexualidade e amor social – e o amor a Deus.

O amor não tem limites, mas, para crescer, precisa da «boa terra» que é a família.

Educação para a liberdade

Ensinando a amar dá valor e estimula a liberdade:

A família é a primeira escola dos valores humanos, onde se aprende o bom uso da liberdade (AL, 274) e, ao mesmo tempo, isto ensina-lhe a respeitar a liberdade dos outros (AL, 275).

A liberdade aprende-se na relação com o outro que me limita com a sua própria liberdade e me obriga a responder com os meus atos.

A família é o lugar onde se aprende a relacionar-se com o outro, a escutar, partilhar, suportar, respeitar, ajudar, conviver (...) No contexto familiar, ensina-se a recuperar a proximidade, o cuidado, a saudação. É lá que se rompe o primeiro círculo do egoísmo mortífero, fazendo-nos reconhecer que vivemos junto de outros, com outros, que são dignos da nossa atenção, da nossa gentileza, do nosso afeto (AL 276).

Educar para a liberdade supõe «processos de maturação» e como tal pressupõe o sentido do tempo. *Vale aqui o princípio de que «o tempo é superior ao espaço», isto é, trata-se mais de gerar processos que de dominar espaços (AL 261).*

A imagem dos pais preocupados em saber onde estão os seus filhos é uma imagem forte que está em sintonia com o sentir de todos os pais. O Papa discerne o problema de como educar numa época em que os valores

A Exortação «Amoris laetitia»: leitura pedagógica

estão liquefeitos: não se trata, pois de formar para este ou aquele valor, mas reforçar o centro gerador da afeição aos valores, a liberdade. O Papa indica que

a educação moral é cultivar a liberdade através de propostas, motivações, aplicações práticas, estímulos, prémios, exemplos, modelos, símbolos, reflexões, exortações, revisões do modo de agir e diálogos que ajudem as pessoas a desenvolver aqueles princípios interiores estáveis que movem a praticar espontaneamente o bem (AL, 267).

Na família, o horizonte amplo é sempre um «sim» e todos os «nãos» são orientados para isso. Usando as imagens evangélicas, a família é capaz de conviver com a cizânia para não perder o grão, é capaz de pagar ao último tanto como aos primeiros.

Educação integral

Na família aprende-se a experiência do bem comum, da ecologia integral⁵, da piedade afetiva. Ensinam-se as razões e a beleza da fé.

Assim, na família vive-se, de modo artesanal, a melhor pedagogia que é a de unir os princípios universais à vida concreta. Assim é a pedagogia de Deus pela encarnação do Verbo numa família humana. Consequentemente,

a aliança de amor e fidelidade, vivida pela Sagrada Família de Nazaré, ilumina o princípio que dá forma a cada família e a torna capaz de enfrentar melhor as vicissitudes da vida e da história (AL 66).

Os pais precisam do apoio da comunidade para conseguirem uma educação integral dos filhos. É necessário «reavivar a aliança entre a família e a comunidade cristã»:

Para tornar eficaz o prolongamento da paternidade e da maternidade para uma realidade mais ampla, «as comunidades cristãs são chamadas a dar seu apoio à missão educativa das famílias», particularmente através da catequese de iniciação.

⁵ O Papa apela às famílias para com os filhos repensarem os hábitos de consumo: a família é a protagonista de uma ecologia integral, porque constitui o sujeito social primário, que contém no seu interior os dois princípios-base da civilização humana sobre a terra: o princípio da comunhão e o princípio da fecundidade (AL, 277).

3. Carácter sapiencial dos critérios pedagógicos

O Papa Francisco inspira-se na pedagogia inaciana, desenvolvida a partir de Santo Inácio de Loyola mas praticada muito para além das escolas da Companhia de Jesus.

Podemos perceber a sua originalidade na relação entre educador e educando:

- O educando é considerado obra-prima de Deus, seu templo, imagem e semelhança, o lugar onde Ele especialmente se revela. É portador, precisamente por isso, de uma dignidade que, independente de seu posicionamento moral, não lhe é outorgada nem retirada por outros. A pessoa é a primeira interessada na sua formação, artífice do seu desenvolvimento, através da escuta do seu interior e do estudo contemplativo da natureza.
- O educador, mais que instrutor académico, é um orientador de vida, companheiro de aprendizagem dos educandos, para os quais é chamado a ser testemunha dos valores que se pretende alcançar. Para tanto, trata de conhecer e acolher os educandos na situação em que se encontram e nas possibilidades que demonstram, com respeito e tempo, sem qualquer imposição ou doutrinação.

Esta pedagogia está bem patente nas orientações do Papa acerca da educação.

Todos somos chamados a manter viva a tensão para algo mais além de nós mesmos e dos nossos limites (...) A perfeição (das relações interpessoais, da pureza de intenções e da coerência plena) só a poderemos encontrar no Reino definitivo. Isso impede-nos de julgar com dureza aqueles que vivem em condições de grande fragilidade (cf. AL 325).

Sugestiva é a expressão educar com «realismo paciente» (cf. AL 271-273). Na tarefa educativa,

o percurso normal é propor pequenos passos que possam ser compreendidos, aceites e apreciados, e impliquem uma renúncia proporcionada. Caso contrário, pedindo demasiado, nada se obtém (AL 272).

A Exortação «Amoris laetitia»: leitura pedagógica

Por outro lado, quando se educa para aprender a adiar algumas coisas e esperar o momento oportuno, ensina-se o que significa ser senhor de si mesmo, autónomo face aos seus próprios impulsos. Assim, quando a criança experimenta que pode cuidar de si mesma, enriquece a própria autoestima e aprende a respeitar a liberdade dos outros (cf. AL 275).

Difícil é saber dizer «sim» e «não» no momento certo para se chegar ao «sim» pleno.

Na perspetiva da pedagogia divina, a Igreja olha com amor para aqueles que participam de modo imperfeito na vida dela: com eles, invoca a graça da conversão e encoraja-os a fazerem o bem. É esse o olhar de Cristo para cada homem. Uma imagem forte é o diálogo de Jesus com a samaritana (Jo 4, 1-26): *dirigiu uma palavra ao seu desejo de amor verdadeiro, para a libertar de tudo o que obscurecia a sua vida e guiá-la para a alegria plena do Evangelho (AL 294)*. Em pequenos passos pedagógicos, pela escuta e proposta, leva-a a discernir, sem meias palavras, a sua vida e a transformar-se em missionária.

4. Desafios educativos

Apontamos, em síntese, quatro desafios que a Exortação apostólica nos lança:

1. Como educar no contexto atual?

Um dos desafios fundamentais que as famílias enfrentam hoje é seguramente o desafio educativo, que se tornou ainda mais difícil e complexo por causa da realidade cultural atual e da grande influência dos meios de comunicação (AL 84).

Perante este desafio, sublinhe-se que os pais são mais vítimas que culpados desta situação. O Papa dá-nos alguns critérios úteis para os pais e para todos os que trabalham na educação: a necessidade de uma caminho educativo e conceber a vida como um itinerário ou um processo gradual de maturação; a necessidade de manter um diálogo educativo que incorpore a sensibilidade e a linguagem dos filhos, procurando linguagens que ajudem a tocar as fibras mais íntimas dos jovens (cf. AL 40); a necessidade de lutar por uma aliança educativa entre família – escola – paróquia pois *abriu-se uma fenda entre família e sociedade, entre família e escola; hoje, o pacto educativo quebrou-se; e, assim, a aliança educativa da sociedade com a*

família entrou em crise (AL 84); a importância da educação sexual acima referida.

2. Como transmitir a fé?

A situação cultural dificulta a transmissão da fé. Todavia a família torna-se evangelizadora. Não se limita a dar a vida ao seu filho, mas a transmitir a fé. Traz em si a graça *mas isto requer que imploremos a ação de Deus nos corações, aonde não podemos chegar* (AL 287). Assim a família converte-se em sujeito da ação pastoral. O Papa ressalta a importância da catequese familiar, da oração em família e das expressões de piedade popular. Necessita de um empenho criativo, de reinventar métodos e encontrar novos recursos para iniciar/reiniciar processos de amadurecimento.

Neste processo, compete aos pastores e aos catequistas fazer ressoar o kerygma.

3. Como propor a vocação matrimonial?

A pastoral pré-matrimonial começa com o nascimento duma criança. Concretamente, no que se refere aos adolescentes, é necessário mostrar a beleza do matrimónio, já que a sua essência está radicada na natureza da pessoa humana. Interroguem-nos: quantas vezes expomos a beleza da vocação matrimonial aos adolescentes na catequese e na comunidade?

A pastoral dos casais jovens para que todos sintam que o matrimónio não é algo acabado mas foi o início de um itinerário. Para tal é necessário que as nossas comunidades tenham um clima familiar, onde todos se sintam acolhidos, compreendidos e apoiados de modo realista e incarnado na sua vida real. Será necessária uma criatividade pastoral para não desperdiçar as ocasiões de contacto com a comunidade. A pastoral familiar deve ser missionária.

4. Como acompanhar os filhos das famílias feridas?

Onde estão os nossos filhos? Pergunta lancinante que não poderá deixar indiferente qualquer educador.

A Igreja (...) não pode cessar de ser a voz dos mais frágeis: os filhos, que sofrem muitas vezes em silêncio. Hoje, (...), pergunto-me se não nos entorpecemos também relativamente às feridas da alma das

A Exortação «Amoris laetitia»: leitura pedagógica

crianças. (...) Sentimos nós o peso da montanha que esmaga a alma duma criança, nas famílias onde se maltrata e magoa, até quebrar o vínculo da fidelidade conjugal? Tais experiências molestas não ajudam estas crianças a amadurecer para serem capazes de compromissos definitivos. Por isso, as comunidades cristãs não devem deixar sozinhos os pais divorciados que vivem numa nova união. Pelo contrário, devem integrá-los e acompanhá-los na sua função educativa (...) Devemos proceder de modo que não se acrescentem outros pesos àqueles que os filhos, nestas situações, já têm que suportar. Ajudar a curar as feridas dos pais e sustentá-los espiritualmente é bom também para os filhos (AL 246)⁶.

Pergunto: teremos nós a alma anestesiada diante destas vítimas inocentes que são tantos dos nossos adolescentes?

Conclusão

As perspetivas apresentadas pelo Papa Francisco sugerem uma avaliação e revisão do modo como as comunidades cristãs, sobretudo através do espaço da catequese, acompanham as famílias no processo de iniciação cristã.

Na nossa sociedade, as pessoas, especialmente as crianças e jovens, vivem imersos num universo de estímulos informativos e publicitários que não podem digerir. Cria-se um mundo superficial e volátil.

Neste contexto, a nossa catequese precisa claramente de trabalhar mais a atenção, rentabilizar ao máximo o tempo educativo, enchendo-o de conteúdo e significado para que cada criança ou adolescente cresça na **sensibilidade espiritual**, seja estimulada a ler em profundidade o que se passa consigo e com o que a rodeia e ver aí os sinais de Deus.

O Concílio Vaticano II disse-o claramente:

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: fazê-lo isto, evita aquilo. O homem tem no

⁶ O sublinhado é nosso.

coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado (Cfr. Rom. 2, 14-16)⁷.

Deixamos, sinteticamente, algumas pistas inspiradas nos trabalhos de um catequeta espanhol, Eugeni Rodríguez Adrover⁸, que se podem resumir assim:

1. A catequese deverá iniciar à **contemplação** que exige silêncio, recolhimento e capacidade de se deixar surpreender pela realidade; deverá potenciar a **admiração pela natureza** e a detetar a beleza das pequenas coisas; deverá iniciar na **oração** como diálogo com Deus saboreando a sua grandeza e o seu amor e a necessidade que temos do Absoluto.
2. A catequese deve valorizar a **linguagem narrativa** que se centra nas emoções, na imaginação e nas intuições. As narrações bíblicas são fundamentais. Não esqueçamos que comunicar a fé não é transmitir um saber sobre Deus, mas uma experiência comunitária de encontro com Ele. A história de Deus realizou-se através de «gestos e palavras». O Credo professado em cada domingo contém esse relato. Muito importante é também proporcionar às crianças e jovens que façam a narração da sua própria vida.
3. A catequese deve ser um espaço de **questionamento** sadio. As crianças são pequenos filósofos e teólogos. No diálogo aberto, sobretudo num grupo com a presença de adultos crentes, vão-se decifrando os mistérios da vida e encontrando respostas na busca da verdade.
4. A catequese deve iniciar à **liturgia** e à **celebração**. A catequese está ligada intimamente a toda a ação litúrgica e sacramental. É essencial conhecer os sinais e os gestos litúrgicos e atitudes interiores correspondentes. Só assim poderá haver uma participação ativa e frutuosa.

⁷ Gaudium et spes, 16.

⁸ Eugeni RODRIGUEZ ADROVER é sacerdote da diocese de Mallorca, Espanha, e tem-se dedicado a responder à pergunta: «como trabalhar a inteligência espiritual em catequese?» Os seus trabalhos deram origem a projetos concretos que estão a ser implementados em algumas comunidades da sua diocese. Pode encontrar-se uma síntese em: Eugeni RODRIGUEZ ADROVER – *Cómo trabajar la inteligencia espiritual en catequesis?* in «Sinite» 56 (2015) nº 169, 333-363; – *Algunas claves para la educación de la inteligencia espiritual en catequesis* in «Sinite» 57 (2016) nº 172, 209-225.

A Exortação «Amoris laetitia»: leitura pedagógica

5. A catequese deve iniciar e acompanhar na celebração **sacramento da reconciliação**. Cultivar a reconciliação é, antes de mais, aprender a pedir perdão e a perdoar. A arma mais poderosa contra o mal – que tantas vezes é vivido dramaticamente pelas crianças – é o perdão. Educar na reconciliação é experimentar a misericórdia de Deus que ama, perdoa e convida a perdoar.

O programa de catequese que procuramos desenvolver em Portugal refere-se a todas estas dimensões. Todavia, a prática vai demonstrando que não estamos a ser capazes – comunidades cristãs, catequistas e famílias – de iniciar verdadeiramente as jovens gerações na fé e na vida espiritual e comunitária.

O Papa Francisco desafia-nos ao trabalho «artesanal», realista, paciente e persistente, confiando nas famílias que têm capacidade de amar e ensinar a amar.

A Família como fermento evangelizador da sociedade

JOÃO MANUEL DUQUE (*)

Introdução:

Antes de entrar na questão propriamente dita, gostaria de tecer algumas considerações introdutórias, a propósito do título proposto. Fala-se nele do papel *evangelizador* da família. Mas quando falar, de seguida, em evangelização, não me pretendo referir à tarefa explícita do anúncio, nomeadamente na transmissão de conteúdos cristãos aos filhos, ou a qualquer tipo de intervenção organizada no contexto eclesial ou social, através da ação de famílias isoladas ou em grupo, no sentido de anunciar o Evangelho a quem eventualmente não o conheça. Evangelização significa, aqui e antes de tudo, um determinado *modo de ação* ou comportamento quotidiano que introduz, na vida do mundo, um estilo de vida segundo o Evangelho e, dessa forma pragmática, contribui para a configuração do mundo de acordo com esse mesmo Evangelho, configuração a que podemos chamar genericamente processo de evangelização. Compreendida a tarefa evangelizadora desse modo comportamental e pragmático, pode falar-se do processo evangelizador numa espécie de “fermentação” do mundo. Tal como o fermento não age a partir de fora, a partir de uma posição exterior à massa, mas precisamente fermentando ele próprio e, a partir da sua fermentação, provocando a fermentação da massa, assim a evangelização como fermentação é, antes de tudo, o processo pelo qual uma pessoa ou um grupo de pessoas, no conjunto das suas relações quotidianas, se deixam fermentar segundo o Evangelho e, nesse processo de auto-fermentação, fermentam o contexto em que vivem – que é o mundo propriamente dito, já que cada um vive

(*) Doutorada em Teologia Fundamental. Professor Catedrático na Universidade Católica Portuguesa. Diretor-adjunto do núcleo de Braga da Faculdade de Teologia.

inevitavelmente em mundos diversos, que constituem o conjunto do único mundo que existe.

Entendidas as coisas deste modo, a tarefa evangelizadora da família dá-se, antes de tudo, na medida em que a família (cristã) vive precisamente como família. E se corresponder ao estilo das relações que constituem a família propriamente dita, então está a fermentar ela própria segundo o Evangelho e, desse modo, a fermentar o mundo, ou seja, a evangelizar. Proponho, pois, que comecemos por uma breve reflexão sobre as relações tipicamente familiares, para aí identificar o estilo evangélico. A partir dessas relações – que poderíamos considerar naturais à família, embora aí a natureza, em sentido estrito, seja já superada pela sobre-natureza – coloca-se a questão da sua dimensão evangélica, que é implícita em todos os casos (na medida em que essas relações são vividas na sua autenticidade) e que se torna explícita apenas num contexto crente, permitindo a sua interpretação cristã e a sua celebração sacramental. É na medida em que as relações familiares são vividas como tal que elas se tornam fermento da sociedade, em sentido geral – pois qualquer sociedade espelha essencialmente a qualidade das suas relações familiares; e é na medida em que essas relações são enquadradas explicitamente na sua relação com o Evangelho, e por isso interpretadas e celebradas sacramentalmente, que esse fermento se torna explicitamente evangelizador de todo o tecido social – mesmo e até sobretudo no silêncio dos agentes dessa evangelização.

Vamos por partes, na exploração destes diversos aspetos.

1. Família: ser pessoa-relação

De um modo muito genérico, poderíamos afirmar que a família é o contexto relacional humano – normalmente institucionalizado – em que, de forma paradigmática, cada sujeito se constitui como pessoa. Não é o único contexto em que acontece, mas aí isso acontece de forma originária e especial. Entenda-se a constituição de cada sujeito humano como pessoa a partir daquela dimensão da identidade humana que vai além de todos os processos naturais necessários, e mesmo além dos processos sociais que se sobrepõem ao sujeito e o determinam. Ou seja, em última instância é o exercício da liberdade aquilo que define cada ser humano como sujeito e, por essa via, como pessoa: a liberdade em relação à natureza e a liberdade em relação à coletividade social. Ora, o âmbito da liberdade é aquele que se situa para além da necessidade, ou seja, que articula a dimensão da

gratuidade: o âmbito em que aquilo que acontece e aquilo que cada um é podia não ser e podia não ser assim, mas é o que é e acontece como acontece em função de decisões livres. A diferença entre a necessidade – que não permite que as coisas sejam de outro modo – e a gratuidade – em que tudo podia ser de outro modo, mas não é porque as pessoas assim decidem – está na base da qualificação da constituição da pessoa e, como vamos ver, da família como núcleo de relações pessoais. É também essa a base da noção de história, em sentido próprio.

É claro que, se falamos em decisão de pessoas – o que as leva a determinadas atitudes que podiam não ser assim, porque nada obriga necessariamente a que assim sejam – estamos a falar de liberdade mas, em certo sentido, estamos a falar também em vontade. Ou seja, as decisões pessoais pressupõem que quem decide, decide de determinado modo porque quer. Isso tem levado a que se situe frequentemente a própria origem da liberdade na vontade individual, como se toda a interferência nessa vontade fosse anulação dessa liberdade. E, vistas as coisas de forma superficial, assim parece ser.

Mas a questão da vontade, que pode fazer-se coincidir com a questão do desejo, é extremamente complexa. Porque desejamos nós aquilo que desejamos? De onde vem realmente o nosso desejo? Porque chegamos nós a desejar não desejar aquilo que desejamos? Se formos sérios na análise, perceberemos que o mecanismo de constituição do desejo é de tal forma complexo, que é difícil dizer que sejamos nós a sua fonte exclusiva. Nesse sentido, fundamentar a ação verdadeiramente livre – isto é, não sujeita a nenhuma necessidade – apenas no desejo é algo muito débil. Porque esse desejo é, em grande parte dos casos, expressão de uma necessidade que se impõe ao próprio indivíduo – mais uma vez, como manifestação do peso da natureza ou da sociedade. Nesse sentido, exige-se, talvez pelo menos, a possibilidade de procurar a fundamentação da decisão livre – e do ser humano como sujeito de liberdade – noutra dimensão, que poderíamos aqui definir enquanto capacidade sua de *resposta não imposta* (nem sequer pelo seu desejo) a uma interpelação que lhe vem do exterior e que implica certa noção de *dever* – não necessário. Nessa resposta, eu sinto que *devo* fazer algo ou que *devo* ser de determinado modo, sentindo ao mesmo tempo que *não tenho que* fazer isso ou ser assim, pois posso (embora não deva) fazer e ser de outro modo. É neste dinamismo de resposta que a liberdade se constitui, podendo mesmo libertar o sujeito em relação ao seu desejo ou à sua vontade demasiado individual – e ajudando o sujeito a adequar o seu desejo e a sua vontade àquilo que simplesmente deve ser – e mesmo que

ele deve querer – e não apenas àquilo que à partida quer (e que pode não ser aquilo que deve querer).

Dado este primeiro passo, percebe-se com facilidade que a constituição dos sujeitos como pessoas, ou seja, como sujeitos de ações verdadeiramente livres, não acontece senão em relações, nas quais os sujeitos são interpelados por outros sujeitos e respondem a essa interpelação, tornando-se naquilo que são, precisamente através dessa resposta. Ou seja, a resposta aos outros é a base da nossa identidade pessoal. Nesse sentido, ninguém se torna realmente pessoa isoladamente¹.

Segundo a tradição hebraico-cristã, a resposta que me constitui como sujeito pessoal é a resposta da responsabilidade². Na responsabilidade pelo outro, eu respondo à sua interpelação, assumindo precisamente que estou aí para ele e essa é a raiz da minha identidade. Essa resposta não é imposta pela natureza nem pela sociedade. É a minha decisão livre. Mas, por outro lado, eu não posso não decidir, pois a aparente não decisão é já uma forma de decisão. Ora, é na compreensão da identidade pessoal como responsabilidade pelo outro, no exercício da liberdade gratuita – ou seja, que é assim por nada, sem nenhuma obrigação natural e inevitável, mas simplesmente porque sim – que as relações familiares são exemplares³.

A primeira dessas relações, que é uma espécie de relação de responsabilidade ao inverso, é a relação de *filiação*. E todos partimos dela. Antes de tudo, todos nós somos filhos. Ser filho significa ser dado. E ser dado significa que essa doação é gratuita, porque toda a doação é de graça, em função de nada, sem medida e sem preço. Por isso, nós não somos simplesmente produto – nem produto de uma ação nem produto de uma

¹ Isso não significa que o dinamismo de interpelação e de resposta aconteça apenas entre humanos. Do ponto de vista teológico, a interpelação primordial é a que vem de Deus. E a resposta que nos faz originariamente pessoas é essa resposta primeira. Por isso todo o humano é sempre já pessoa, independentemente do contexto em que posteriormente cresça. Desse contexto depende apenas o grau de realização dessa sua identidade originária e indisponível, seja para quem for.

² Ver Emmanuel Levinas, *Autrement qu'être et au-delà de l'essence*. Paris: Grasset, 1974. Interessantemente, na resposta da responsabilidade, eu respondo, ao mesmo tempo, ao outro e a Deus (o terceiro), ou melhor, respondo a Deus, na medida em que respondo ao outro, e respondo ao outro, na medida em que respondo a Deus. É paradigmática, a propósito desta questão, a pergunta de Deus a Caim: "Onde está o teu irmão?" E não deixa de ser também paradigmático o desvio de Caim "Serei eu porventura responsável por ele?". Precisamente! (ver: João Manuel Duque, "Fraternidade originária. Da violência mimética à responsabilidade pelo outro", In *Forma Breve* 12 [2015]: 71-78.)

³ Para o que se segue, ver: João Manuel Duque, "Breve antropologia da família," *Theologica* 49 (2014): 231-243. Neste sentido, considero que a antropologia das relações familiares é a base originária de toda a antropologia.

conjugação natural. Nós somos dados numa ação pela qual outros sujeitos humanos, respondendo livremente, assumiram responsabilidade por nós. E todos nos devemos, no âmago mais originário da nossa existência, mesmo da existência biológica, a esse modo de relação gratuita. Por isso, a relação de filiação é, como resultado de uma dádiva gratuita, a relação a uma origem não merecida. Porque se fomos dados em função de nada, isso significa, antes de tudo, que não merecemos o próprio ser, até porque a sua dádiva é anterior à possibilidade mesma de a merecermos.

É claro que, mesmo que todos sejamos filhos, em verdade podemos não aceitar sê-lo. Porque ser filho, em sentido total, implica a liberdade da aceitação dessa condição. E se aceitar ser filho significa aceitar não ser merecedor daquilo que se é, porque se é por dádiva gratuita, então a primeira relação tipicamente familiar é uma relação exigente e mesmo difícil.

Tornou-se especialmente difícil a partir do momento em que o contexto cultural acentuou a capacidade de o sujeito se constituir a si próprio e, em certo sentido, se considerou indigna a aceitação de si mesmo como dádiva e não apenas como resultado daquilo que de nós conseguimos fazer e por isso merecer. Em realidade, é uma espécie de adolescência, em que os sujeitos consideram que só serão eles mesmos na medida em que negarem a sua origem e negarem mesmo o facto de serem originados gratuitamente por outros. É o caso do filho pródigo, que recusa a sua condição de filho, julgando merecer a herança, e regressa na condição de empregado, que pretende merecer o salário. O pai oferece de novo a paternidade – e a possibilidade da filiação gratuita, muito para além do mérito. O que pode ou não ser aceite. O filho pródigo aceita – o outro parece que não, e continua colado ao seu mérito, como filho bem comportado. Não passou pela adolescência. O que pode ser fatal no processo de reconhecimento da verdadeira condição de filho.

Como filhos que somos – e por isso devedores da responsabilidade de outros por nós – damos um passo significativo no processo de respondermos nós mesmos, assumindo a responsabilidade *por* outros, no momento em que constituímos uma nova família, pela relação a uma pessoa do outro sexo, dentro de determinado modo de responsabilização. A relação *esposal* é também uma resposta em liberdade – e não apenas uma imposição da natureza, eventualmente determinada pela atração sexual – na qual um sujeito se assume especificamente responsável por outro sujeito. Genericamente, poderíamos dizer que aí um sujeito se assume como responsável pela felicidade do outro sujeito, embora o termo felicidade seja demasiado vago e ambíguo. Cada sujeito assume, aí e antes de tudo, a

responsabilidade pela sexualidade de outro sujeito. E entenda-se aqui a sexualidade como um modo básico da relação humana que leva em conta a diferença entre homem e mulher. A definição do humano como homem ou como mulher – e, desse modo, a sua definição pela relação ao outro sexualmente diferente – é uma definição fundamental, que poderia ser interpretada apenas sobre a base de uma necessidade natural. Mas trata-se de algo mais, a ser assumido em liberdade. Na relação à mulher, o homem assume a sua identidade precisamente como aquele que se refere à mulher, na totalidade daquilo que significa a sexualidade, incluindo a dimensão biológica, mas também todas as outras dimensões. E é no contexto desse relacionamento que ele assume a responsabilidade pela mulher – por aquela mulher, porque a responsabilidade pessoal só se assume por pessoas únicas e concretas – assumindo a responsabilidade pelo seu ser como mulher, ou seja, como diferente de si mesmo. O mesmo acontece à mulher, na sua relação ao homem. O casamento é a realização deste modo de relação – que poderemos definir como esponsalidade – de forma concreta. E não se trata de complementaridade, pois não se saberia dizer o que seria o todo, como junção das duas partes. Trata-se de ser plenamente humano como homem – mas por relação à mulher – e plenamente humano como mulher – mas por relação ao homem. Ou seja, é a forma de ser plenamente si mesmo, como pessoa completa, apenas por relação a outra pessoa diferente – incluindo neste caso como essencial a diferença sexual e a sua mútua referência (que pode de facto manifestar-se, ao nível do desejo, enquanto atração), o que pode não acontecer noutros modos de relação.

Mas a resposta da responsabilidade não se esgota na relação dos esposos. Ambos – e cada um deles – dá um passo significativo na construção de si como sujeitos pessoais, quando assumem a responsabilidade por um terceiro, gerado a partir do seu seio, ou seja, quando se tornam pais. A *paternidade* e a *maternidade* referem-se a uma das relações familiares fundamentais. De facto, ela revela de forma muito própria – que inclui a dimensão biológica, mas não lhe fica limitada – a vocação de todos os humanos, aquele chamamento a que todos devem responder em responsabilidade: o chamamento a gerar vida, a ser fecundo, seja de que modo for.

Em estreita continuidade com as relações de filiação e de parentalidade encontra-se a relação de *fraternidade*. Ela é uma das mais fortes expressões da relação gratuita de responsabilidade pelo outro, vivida entre iguais. Não se baseia em regras sociais ou em negócios de interesse, como nos contratos, mas simplesmente na constatação da responsabilização mútua,

porque somos irmãos. E só somos irmãos porque somos filhos dos mesmos pais. Assim, a origem comum interpela, em liberdade, à resposta da fraternidade, como fundamento mais originário da humanidade. Esta é, sem dúvida, um das relações com maior impacto na constituição das sociedades, que continuam a sonhar com a fraternidade universal. Mas esta só será possível através de uma fermentação lenta e paciente. E a família é o primeiro lugar dessa fermentação, porque ela é o lugar do próprio fermento. Nela, a utopia da fraternidade deixa de ser simplesmente utópica, adquirindo um lugar concreto, ainda que débil e limitado.

Mas por que razão todas estas relações inter-humanas, marcadas pela gratuidade da doação mútua, podem ser acolhidas como pragmática da evangelização? É claro que, em sentido explícito, só poderão ser evangelizadoras se referidas ao Evangelho. E isso acontece precisamente na dimensão sacramental da família.

2. Dimensão teologal-sacramental

Para colocar em debate o significado da dimensão sacramental da família – o que significa explorar a sua dimensão teologal – parto de uma definição muito básica de sacramento. Este será sempre uma realidade imanente ao mundo – normalmente um acontecimento, um processo, um conjunto de relações, etc. – que é assumida como *mediação* da presença, nesse mesmo mundo e para esse mesmo mundo, da ação salvífica de Deus realizada em Jesus Cristo. Convém ter noção de que essa ação salvífica só pode realizar-se no mundo que habitamos, na medida em que nele acontecem mediações suas, pois Deus não age diretamente no mundo, como se fosse mais um elemento desse mundo. E convém recordar, por outro lado, que a ação salvífica de Deus é, do ponto de vista negativo, libertação do pecado, mas implica, do ponto de vista positivo, a realização da vocação para que fomos chamados: precisamente a de transformar o mundo segundo relações de amor ou de responsabilidade gratuita e livre uns pelos outros. Assim, aqueles acontecimentos que realizam, no mundo, essa libertação do pecado instaurando um modo novo de relacionamento segundo Deus, podem ser considerados mediação da ação salvífica de Deus, ou seja, sacramentos de Deus e da sua ação em nosso favor.

O mecanismo deve ser entendido do seguinte modo: as realizações que verdadeiramente libertam e salvam não podem, em rigor, ser entendidas nem praticadas apenas a partir de si mesmas nem dos seus agentes

humanos. Para concentrar a questão, sintetizemos essas realizações que salvam no conceito de *amor*, apesar de ser um conceito ambíguo.

Ora o amor, no seu sentido genuíno, possui uma estrutura ternária⁴. Em realidade, o amor a si mesmo – que implicaria apenas um polo – não chega a ser relação e, como tal, não pode ser denominado amor. Porque quando me amo a mim mesmo, a distinção entre *eu* mesmo (que amo) e *mim* mesmo (que sou amado) é uma distinção artificial e ilusória.

Mas o amor apenas entre dois, sendo o primeiro passo para a verdade do amor, é ainda problemático. Porque, em última instância, ou amo o outro por amor de mim – e voltamos ao amor próprio – ou amo o outro por amor dele mesmo – mas isso implica uma absolutização indevida da pessoa do outro.

A estrutura ternária do amor implica sempre um terceiro. Este é, antes de tudo, amado em conjunto pelos outros dois. O que instaura um dinamismo no amor que não está limitado ao circuito fechado entre um *eu* e um *tu*. Eu e tu amamo-nos no amor comum ao outro e por isso não nos amamos em função de nós mesmos – nem em função de cada um de nós, nem em função do conjunto criado por nós mesmos, que não passa de uma realidade abstrata.

Isto conduz a uma outra fundamentação do amor: eu amo alguém, por amor de um terceiro; e amo um terceiro, por amor de alguém. Assim, o amor não se fecha no circuito egoísta e mesmo concorrencial de uma relação a dois, mas está permanentemente aberto. Ao mesmo tempo, não se estabelece concorrência entre o segundo e o terceiro, porque ambos se pressupõem.

É claro que nós conhecemos, por experiência, situações humanas em que esta abertura do amor, superando o perigo do egoísmo a dois, acontece pelo surgimento de um terceiro (os filhos, a comunidade, uma missão, etc.). Mas, no contexto que nos ocupa, a relação ternária possui sobretudo uma outra dimensão ainda mais fundamental. Trata-se de incluir, inevitavelmente, na relação de amor inter-humano – nomeadamente nas relações familiares – a relação a Deus, não como uma relação alternativa, mas como condição de possibilidade da própria relação humana. Nesse sentido, não é possível falar de amor a Deus e, ao lado, de amor aos humanos – muito menos em opções pelo amor aos humanos (por exemplo na família) e pelo amor exclusivamente a Deus (por exemplo sem família). O amor humano é

⁴ Sobre o assunto, ver: Jörg Splett, *Philosophie für die Theologie*, Heiligenkreuz: Be&Be Verlag, 2016, 199-216.

mediação do amor a Deus, precisamente porque se amam os humanos por amor a Deus. E os humanos estarão sempre implicados no processo, porque se ama a Deus, por amor aos humanos. Ora esta implicação mútua entre o amor aos humanos e o amor a Deus é que torna o amor humano sacramento do amor a Deus e do amor *de* Deus, que salva.

Como vimos, a família é um dos contextos básicos e fundamentais da realização do amor humano. A plenitude desse amor humano implica o amor a Deus. Amo a esposa ou o marido, o filho ou a filha, o pai e a mãe, por amor a ou por amor de Deus – e por isso, o amor é uma realidade que, na sua gratuidade, nos supera. Mas, ao mesmo tempo, amo a Deus por amor da esposa, do marido, dos filhos, dos pais. A meta do amor é sempre Deus e os outros, e nunca Deus *ou* os outros, porque a meta é Deus *nos* outros e os outros *em* Deus. Poderíamos dizer, embora com certo cuidado pois falamos analogicamente, que somos filhos no Filho, pais no Pai e esposos e irmãos no Espírito. A família, no conjunto das suas variadas relações, é assim sacramento do amor de Deus no mundo – presença ativa e salvífica desse amor entre nós.

Ora é na medida em que se torna nessa presença sacramental que a família é explicitamente fermento evangelizador do mundo, pois é a própria ação de Deus que transforma o mundo, como qualquer fermento. Por isso, para ser fermento evangelizador da sociedade, a família cristã não precisa de fazer mais do que viver, na debilidade da condição humana, as relações que a constituem, na consciência crente de que esse modo de viver torna presente no mundo o amor de Deus que salva – torna Deus sacramentalmente presente no mundo. O sacramento do matrimónio, em sentido estrito, não é mais do que a celebração litúrgica deste permanente e quotidiano acontecimento sacramental que é a vida familiar. E essa celebração litúrgica coloca explicitamente o amor familiar no seio do amor de Deus, revelado e ativo de forma suprema no amor pascal de Jesus Cristo pela humanidade.

Viver a espiritualidade mariana em família

ANA ALEXANDRA E NUNO PRAZERES (*)

INTRODUÇÃO

Certa vez, o nosso filho mais velho perguntou o que era a liberdade. De uma forma simples, expliquei que a liberdade é a capacidade de tomar decisões segundo a nossa vontade. O Alexandre pensou um pouco e acrescentou: “Então Jesus não foi livre, pois Ele fez a vontade de Deus e não a sua”. Eu respondi-lhe: “Jesus foi livre porque a sua vontade foi que se fizesse a vontade de Deus”. Foi então que veio a pergunta difícil: “Então e como é que nós sabemos qual é a vontade de Deus?”. Sorri e simplesmente disse: “Meu filho, essa é uma pergunta que faço a mim mesma todos os dias. E estou contente que tenhas feito o mesmo.”

Não é verdade que esta é A PERGUNTA que todos gostaríamos de ver respondida? Que presunçoso seria se disséssemos aos nossos filhos que sabemos perfeitamente qual é a vontade de Deus! Supomos que a única atitude séria da nossa parte será reconhecer humildemente que não sabemos, mas que tudo faremos para que se cumpra.

Contamos esta pequena história para introduzir o tema que nos foi proposto: “Viver a espiritualidade mariana em família”, pois DISPOR-SE A FAZER A VONTADE DE DEUS é o traço mais marcante de Maria, do qual deriva tudo o que conhecemos sobre ela.

(*) Casados há onze anos e pais de três crianças. Estão envolvidos em várias atividades no âmbito paroquial e diocesano, entre elas a catequese e a pastoral pré-matrimonial. Ana é licenciada em Português pela Universidade Nova de Lisboa, mestre em Ciências Religiosas e é professora de EMRC num colégio católico. O Nuno frequentou a Universidade Católica Portuguesa de Lisboa e concluiu os estudos de Teologia em Londres. É diretor do secretariado do “Apostolado Mundial de Fátima”.

Viver a espiritualidade mariana em família

Podemos dizer que na vida de Maria, tal como na nossa, Jesus marca um antes e um depois. Anteriormente, Maria absorveu a espiritualidade da sua família, dos seus pais e aprofundou-a no seu íntimo, numa abertura completa à vontade divina, marcada pelo seu SIM ao plano de Deus. Foi esta espiritualidade que transmitiu ao seu filho. Mas, para além de Mestre, Maria foi também a primeira Discípula de Jesus. E, com Ele, desde o ventre, teve a oportunidade de viver e aprofundar na radicalidade a sua espiritualidade. Portanto, a espiritualidade mariana é uma espiritualidade muito “familiar”.

Quando Nossa Senhora se dirigiu aos Pastorinhos de Fátima, há cem anos atrás, fez-lhes a mesma proposta: “Quereis oferecer-vos a Deus?”, “Quereis fazer a vontade de Deus?”. A resposta das três crianças à Mãe do Céu foi um eco do grandioso FIAT de Maria. Como refere a nota Pastoral para a Semana Nacional da Educação Cristã, educar é propor referências, exemplos de vidas que encontraram em Cristo “o paradigma do homem novo e, após esse encontro, tornaram-se melhores”¹. Se queremos promover entre os nossos jovens uma inteligência cristã das coisas, devemos apresentar-lhes testemunhos significativos que encarnem os valores evangélicos que tenham o poder transfigurador². Olhemos, por isso, para estas três crianças que encarnaram a espiritualidade mariana e a deram a conhecer ao mundo.

Como família, procuramos viver inspirados por Maria e pelos Três Pastorinhos. O primeiro passo é sempre de Deus, e Ele propôs-nos claramente o projeto da família como vocação. O Papa Francisco lembra-nos que “os que recebem o sacramento do matrimónio são transformados em verdadeiros ministros educativos, pois, quando formam os seus filhos, edificam a Igreja e, fazendo-o, aceitam uma vocação que Deus lhes propõe”³. Assim, é como família que respondemos a este chamamento particular, esperando da Igreja o apoio e a colaboração para que possamos cumprir a nossa missão.

Como refere o cardeal Pietro Parolin, não basta estar ao pé do Crucificado: “temos de aprender a estar lá como se deve” e Maria “dá-nos o exemplo”⁴, com compromisso e convicção.

¹ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOCTRINA DA FÉ, *Nota Pastoral para a Semana Nacional da Educação Cristã*, 29 de setembro de 2016.

² Cf. André FOSSION, *Dieu desirable. Proposition de la foi et initiation*, Bruxelles / Montréal, Lumen Vitae, Novalis, 2010, pp. 177-180.

³ FRANCISCO, *A Alegria do Amor*, nº 85.

⁴ Pietro PAROLIN, *Homilia da Missa de encerramento da Peregrinação Internacional Aniversária de outubro do Santuário de Fátima*, 13 de outubro de 2016.

Com os olhos postos nesta atitude de Nossa Senhora, partilhamos convosco cinco verbos ou ações com que procuramos cumprir o sonho que Deus tem para a nossa família.

SERVIR – Assumir uma atitude de compromisso para com a comunidade

Como família cristã, procuramos viver e educar os nossos filhos para os valores do Reino, centrando-nos na entrega e no serviço. Através de inúmeras experiências, a família deve promover a “construção de projetos cristãos de vida, valorizando o esforço, a entrega e a gratuidade, experiências fortes de serviço ao próximo”⁵. Contrariamente ao que diz a publicidade, não há uma linha que separa a vida dentro e fora das quatro paredes da nossa casa. Não podemos dizer que a vida em família é um treino para a vida real. A família é a vida real, é o coração de todo o sistema. Se o coração falha, o sistema também falha. A sociedade está em crise, porque as famílias estão à beira de um ataque de coração. O Papa Francisco alerta: “Uma das maiores pobreza da cultura atual é a solidão, fruto da ausência de Deus na vida das pessoas e da fragilidade das relações”⁶. As famílias estão em sofrimento. O mundo em que vivemos está a sentir os efeitos do tempo que roubou às famílias, obrigando-as a um estilo de vida que provoca a fragmentação e o enfraquecimento dos laços entre o casal e entre pais e filhos.

Porque somos família, acreditamos que temos uma missão em conjunto. Defendemos que, se a Igreja dá verdadeiramente prioridade à família, não a deve separar, mas adaptar-se à sua realidade, tornando-se capaz de acolher de acordo com as suas necessidades. As atividades da Igreja – reuniões de pais da catequese, encontros de oração, preparação de atividades, celebrações – são excelentes oportunidades para iniciarmos os filhos na missão a que também eles, batizados como nós, são chamados. Quando levamos os nossos filhos a esses encontros, muitas vezes acabam por adormecer de cansados. Não nos consideramos pais demasiado exigentes, mas queremos que os nossos filhos saibam que fazer a paz, construir o Reino dá trabalho. É cansativo, exige esforço. Que o pai e a mãe estão

⁵ Emanuel Matos SILVA, “O que não se dá, perde-se. A entrega de si: desafios à tarefa educativa na comunidade cristã”, em Isabel VARANDA (coord.), *Quereis oferecer-vos a Deus? Horizontes contemporâneos da entrega de si*, Fátima, Santuário de Fátima, 2013, p. 147.

⁶ FRANCISCO, *A Alegria do Amor*, nº 43.

comprometidos nisto. É importante fazê-los sentir que a Igreja é a sua casa, a casa da Mãe Igreja, aonde todos somos chamados e de onde todos somos enviados.

Na tarefa educativa, é fundamental “crescer para a vida com uma também crescente capacidade de serviço e de doação” uma vez que “é pelo caminho do amor que o ser humano se realiza plenamente”⁷. Olhemos para Lúcia, Francisco e Jacinta, como modelos eucarísticos de entrega, serviço e solidariedade para com os mais necessitados. Cabe aos pais orientar a generosidade própria das crianças no desejo de corresponder ao amor de Deus, através de atitudes concretas.

Avisa-nos o nosso Papa: “as famílias cristãs não esqueçam que a fé não nos tira do mundo, mas insere-nos mais profundamente nele. A cada um de nós cabe um papel especial na preparação da vinda do Reino de Deus. A família não deve imaginar-se como um recinto fechado, procurando proteger-se da sociedade. Não fica à espera, mas sai de si mesma à procura de solidariedade”⁸. Não queremos ser cúmplices desta mania quase psicopática de pôr os filhos em redomas ou torná-los cegos para a realidade, preferindo que vivam num mundo virtual! “A tarefa educativa deve levar a sentir o mundo e a sociedade como ambiente familiar: é uma educação para saber habitar mais além dos limites da própria casa”⁹.

COMUNICAR – Ensinar a narrar e dialogar

O futuro da humanidade, segundo o Papa Francisco, depende da educação para o pluralismo: “o desafio de hoje é aprender de novo a narrar” e “narrar significa compreender que as nossas vidas estão entrelaçadas numa trama unitária, que as vozes são múltiplas e cada uma é insubstituível”¹⁰. A família é o primeiro lugar onde aprendemos a comunicar e a experimentar as limitações humanas, mas também o perdão. Em família, promovemos a construção da proximidade: uma criança que aprende “a ouvir os outros, a falar de modo respeitoso, expressando o seu ponto de vista sem negar o dos outros, será um construtor de diálogo e reconciliação na sociedade”¹¹.

⁷ José Eduardo Borges de PINHO, “O dinamismo do dom e da gratuidade”, em Isabel VARANDA (coord.), *Quereis oferecer-vos a Deus? Horizontes contemporâneos da entrega de si*, Fátima, Santuário de Fátima, 2013, p. 132.

⁸ FRANCISCO, *A Alegria do Amor*, nº 181.

⁹ *Ibidem*, nº 276.

¹⁰ *Idem*, *Mensagem para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 23 de janeiro de 2015.

¹¹ *Ibidem*.

Na escola, o nosso filho mais velho está sentado num lugar entre uma menina institucionalizada com graves problemas de socialização e um menino sírio refugiado. Ao ouvir as notícias do telejornal, o nosso outro filho perguntou: “O que é a assembleia da república? O que é a ONU?”. Podemos perguntar: o que é que uma escola local, uma assembleia nacional e uma organização mundial têm em comum? São as nossas ágoras, espaços públicos em que as diferenças se encontram e procuram entrar em diálogo, construir pontes de entendimento. Quem prepara os nossos filhos para este contexto?

Dentro das possibilidades, procuramos arrumar as nossas agendas e horários para serem compatíveis e estar ao serviço de uma cultura do encontro. Queremos uma mesa, um sofá, um canto das brincadeiras onde todos possam ser escutados sobre o sofrimento, a dor, a alegria, a humanidade que há dentro de nós: um lugar de escuta que pode permitir o pleno acesso à palavra. A família é formadora da dignidade humana, através da aceitação do outro e do respeito pela singularidade de cada um. Neste ponto, vem-nos à memória o exemplo da Sagrada Família de Nazaré. Três pessoas que se aceitaram e respeitaram desde o início, mesmo sem compreenderem, ou precisamente por não compreenderem totalmente, o mistério que as rodeava.

Como nos lembra o Papa Francisco, “na família, como numa igreja doméstica, amadurece a primeira experiência eclesial da comunhão entre as pessoas, na qual, por graça, se reflete o mistério da Santíssima Trindade”¹²: “um casal de esposos que experimenta a força do amor sabe que este amor é chamado a sarar as feridas dos abandonados, estabelecer a cultura do encontro, lutar pela justiça. Deus confiou à família tornar «doméstico» o mundo, de modo que todos cheguem a sentir o ser humano como um irmão: um olhar atento à vida quotidiana dos homens e das mulheres de hoje demonstra imediatamente a necessidade que há, em toda a parte, de uma vigorosa injeção de espírito familiar”¹³.

CONTEXTUALIZAR – Promover a dimensão e a identidade religiosa

A família cristã insere-se num âmbito particular, com referências próprias, partindo desde logo da vivência de uma dimensão religiosa, de uma abertura da vida ao transcendente. Como refere Bento XVI, “A dimensão religiosa não é uma superestrutura; ela é parte integrante da pessoa, desde a

¹² FRANCISCO, A Alegria do Amor, nº 86.

¹³ Ibidem, nº 183.

primeiríssima infância; é abertura fundamental à alteridade e ao mistério que preside a cada relação e a cada encontro entre os seres humanos. A dimensão religiosa torna o homem mais homem”¹⁴. Esta dimensão tem a ver com o desenvolvimento de um olhar, de uma atitude de admiração e contemplação perante a realidade, de admiração e contemplação perante cada homem, pelo mistério profundo que o habita. No fundo, a dimensão religiosa contextualiza a vida num horizonte mais amplo, que vai para além, que transcende as outras dimensões da vida humana, conferindo-lhes um sentido.

O nosso filho tinha uns dois anos de idade quando perguntou ao avô: “Onde está a tua mãe?”. Como a sua mãe já falecera, o avô apontou com o dedo para cima, esperando que o neto entendesse que a bisavó tinha ido para o céu. Admirado, o neto perguntou: “No teto?”. Se nós nos dispusermos a transmitir-lhes, a propor-lhes uma chave de leitura cristã da vida, com uma linguagem adequada à idade, as crianças compreendem, à sua maneira, que mistério é esse que nos transcende e em Quem acreditamos. Como professores e catequistas, conhecemos crianças (e até pais) para quem o tema da morte é tabu. “Por favor, não fale desse tema com a minha filha, para não a traumatizar”, pediu-nos uma vez um pai. Mas como falar da Ressurreição sem falar da morte? A vida de um cristão prepara-o para a morte, para essa entrega decisiva, definitiva.

Se defendemos um estilo educativo que reconheça a pluralidade, então temos que ter a convicção e ousadia de viver na diferença, sem medo de assumir a nossa verdadeira identidade cristã, a nossa perspetiva ou visão cristã do mundo: “a vida cristã não é uma gnose ou um caminho para escapar da realidade do mundo por um conhecimento particular. Pelo contrário, é um serviço ao mundo e ao homem EM NOME DE CRISTO”¹⁵. A pedagogia da família cristã tem um nome: chama-se Encarnação.

OFERECER – Valorizar a partilha, a oração e o sacrifício

É importante promover uma atitude de partilha, ajudando também a ter consciência do valor do esforço e até do sacrifício. Não revelar aos filhos este facto sobre a vida é faltar-lhes à verdade, é criar neles a ilusão do facili-

¹⁴ BENTO XVI, *Discurso aos Professores de Religião Católica nas Escolas Italianas*, 25 de abril de 2009.

¹⁵ Etienne VERHACK, “As perspetivas da educação cristã na Europa”, em *Pastoral Catequética*, nº 27, Lisboa, SNEC, 2013, p. 71.

tismo, contribuindo, desta forma para uma cultura de desresponsabilização e falta de compromisso.

O nosso filho mais velho tinha cerca de seis anos quando veio da escola com esta exigência: “Eu quero um computador só meu”. Depois de tentar perceber o que estava por detrás de tal aspiração (os seus colegas tinham computador no quarto, onde podiam jogar livremente, sem necessidade de o partilhar com ninguém), pus os pontos nos is: “Meu filho, à exceção da escova de dentes, nada do que existe nesta casa é da marca “Meu”. Nem mesmo a roupa interior, que estando em boas condições passa de ti para o teu irmão. Na nossa casa, é tudo marca “Nosso”.

“A palavra dom e o conceito de gratuito foram banidos da esfera pública e da educação nas suas múltiplas instâncias formais e informais”¹⁶. Perante um cenário governado pelas lógicas do marketing contemporâneo, as novas gerações têm crescido e recebido uma educação centrada no receber, por oposição ao oferecer. Pelo contrário, Bento XVI sugere que pratiquemos a antiga tradição devocional em que “as pequenas moléstias do dia-a-dia adquirem um sentido e contribuem para a economia do bem, do amor entre os seres humanos”¹⁷. O comportamento dos Pastorinhos supõe esta leitura da vida, em que o esforço, o sofrimento e o sacrifício, acompanhados da preposição “por”, fazem sair do egoísmo “para se pôr diante do outro num contexto de solidariedade e subsidiariedade”¹⁸.

Em Fátima, como há dois mil anos atrás, ficamos admirados por um Deus que se incomoda com o sofrimento das pessoas e que Se deixa ajudar através de meios aparentemente inúteis e ineficazes aos nossos olhos, como a oração e o sacrifício. Mas trata-se simplesmente do facto de que eu posso, de uma forma solidária, reparar o mal feito por outra pessoa, como quando uma mãe limpa o leite entornado pelo filho pequeno. Funciona assim a comunhão dos santos.

A pergunta “Quereis oferecer-vos a Deus?” feita por Nossa Senhora aos Pastorinhos não questiona se queremos oferecer algo a Deus, mas sim se queremos oferecer alguém, a nós mesmos. Esse é o verdadeiro sacrifício reparador, à semelhança da atitude de Cristo: uma “dupla pro-existência,

¹⁶ Isabel VARANDA, “Quereis oferecer-vos a Deus?”, em P. Bernardino COSTA (coord.), *Quereis oferecer-vos a Deus? Itinerário temático do centenário das Aparições de Fátima*, Santuário de Fátima, 2011, p. 24.

¹⁷ BENTO XVI, *Salvos na Esperança*, nº 40.

¹⁸ Stefano de FIORES, “Reparação”, em Carlos Moreira AZEVEDO e Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Lisboa, Princípia, 2007, p. 480.

Viver a espiritualidade mariana em família

uma existência para o Pai e uma existência para os irmãos”¹⁹. A abertura da família a Deus e aos irmãos, através da oração e do sacrifício, é o caminho que nos esforçamos por trilhar, para que os nossos filhos, “de forma indutiva, descubram por si mesmos a importância de determinados valores, princípios e normas, em vez de lhes impor como verdades indiscutíveis”²⁰.

AGRADECER – Fazer da vida uma Eucaristia

O paradigma da família é a imagem da refeição. O próprio Jesus, toda a sua vida, deu importância às refeições, ao “comer com”. O tema destas jornadas “Fazei tudo o que Ele vos disser” aparece precisamente num contexto de uma refeição, de um banquete nupcial. Mais uma vez, Jesus e Maria ensinam a arte de bem servir, sempre associada à arte de agradecer. Os momentos da refeição são oportunidades únicas para se ensaiar a fraternidade universal, transformando o receber do pão em ser pão para os outros.

À mesa, como na vida. “Há uma arte de viver em conjunto que o pão partilhado nos ensina. É uma arte frágil, delicada, onde todos somos principiantes”²¹. O Papa Francisco defende que “é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo. A partir desta primeira experiência de fraternidade, alimentada pelos afetos e pela educação familiar, o estilo da fraternidade irradia-se como uma promessa sobre a sociedade inteira”²². A oração à hora das refeições é uma oportunidade para tomar consciência de que a vida é um dom e como tal devemos vivê-la em permanente ação de graças.

A nossa família nasceu de uma amizade no contexto de uma missão em Moçambique. Estivemos dois anos ao serviço dos mais pobres, descobrindo a riqueza do amor gratuito e incondicional de Deus e a lógica de uma existência pautada pelo oferecimento e pela gratidão. Vivemos entre um povo onde a alegria quase faz esquecer a fome que o esmaga. De onde lhes vem esta alegria? Da convicção de que a vida é uma dádiva, que cada dia é um presente maravilhoso para ser acolhido com gratidão. Procuramos viver

¹⁹ Bernard SESBOÛÉ, “Dom de si: o novo nome de sacrifício”, em Isabel VARANDA (coord.), *Quereis oferecer-vos a Deus? Horizontes contemporâneos da entrega de si*, Fátima, Santuário de Fátima, 2013, p. 55.

²⁰ FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho*, nº 264.

²¹ Carlos Maria ANTUNES, *Só o pobre se faz pão*, Lisboa, Paulinas, 2013, pp. 109-110.

²² FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho*, nº 194.

e transmitir este estilo de vida eucarístico aos nossos filhos, praticando esta economia do dom: acolher a vida com gratidão, em espírito de serviço.

Oscar Romero diz-nos: “Que sublime será o dia em que todos os batizados compreenderem que a sua profissão, o seu trabalho, é um trabalho sacerdotal”²³, que, tal como o sacerdote celebra a missa no altar da igreja, cada profissional a celebra no seu local de trabalho, se consagra a Deus tudo o que faz. Também a vida familiar é um trabalho sacerdotal, se consagramos a Deus as nossas tarefas domésticas, os nossos trabalhos, o estudo dos nossos filhos, os momentos de lazer, as dificuldades do dia a dia.

CONCLUSÃO

Jesus foi o primeiro a viver a espiritualidade mariana em família, foi o primeiro a quem Maria, Mãe e Mestra, gerou e criou, juntamente com José, transmitindo-lhe os seus valores, a sua espiritualidade, baseada numa entrega total à vontade de Deus. Jesus é o filho de Deus, mas também de Maria e de José. A pessoa que Ele é deve-se também à espiritualidade vivida e transmitida pela sua família. À semelhança da Sagrada Família de Nazaré, cuidemos então da nossa parte de responsabilidade enquanto família, confiando que o Espírito Santo se encarregará da sua, no respeito pela liberdade de cada um. Procuremos, acima de tudo, gerar nos filhos, como nos aconselha o Papa Francisco, “com muito amor, processos de amadurecimento da sua liberdade, de preparação, de crescimento integral, de cultivo da autêntica autonomia”²⁴. Só na liberdade podemos corresponder ao amor, ao projeto de felicidade que Deus tem para cada um de nós.

Apesar de serem de tenra idade, os Pastorinhos deixaram-nos um assombroso testemunho dessa liberdade, na obediência à vontade de Deus. Nas palavras dirigidas às crianças presentes na cerimónia de beatificação dos Pastorinhos em Fátima, João Paulo II exortou: “Pedi aos vossos pais e educadores que vos ponham na “escola de Nossa Senhora” para que ela vos ensine a ser como os Pastorinhos que procuravam fazer tudo o que lhes pedia”²⁵. A resposta dos Pastorinhos ao chamamento do céu é um carisma oferecido à Igreja e ao mundo, mas primeiro às nossas famílias, “propondo

²³ Óscar ROMERO, *A doce violência do amor*, Fátima, Consolata Editora, 2013, p. 19.

²⁴ FRANCISCO, *A Alegria do Amor*, nº 260.

²⁵ JOÃO PAULO II, *Homília na cerimónia de beatificação dos veneráveis Francisco e Jacinta*, 13 de maio de 2000, nº 6.

Viver a espiritualidade mariana em família

um modo de ser cristão e um modo de ser pessoa que se eleva como provocação a uma Igreja que vive entre ameaças e incertezas e a uma civilização que avança entre tensões e expectativas”²⁶.

Somos uma família cristã no terreno. As condições atuais são precárias, mas são as que existem. Também a Sagrada Família passou por elas. Podemos passar o tempo a queixar-nos ou podemos dar o nosso melhor. O Papa Francisco pediu aos jovens casais que se preparam para o matrimónio que não caiam na tentação de pensar que existe a família perfeita, referindo que “o casamento é um trabalho de todos os dias, um trabalho artesanal”, homem e mulher juntos a crescer em humanidade. A formação cristã dos filhos passa por deixar-lhes em herança um projeto de amor, “um pai e uma mãe que cresceram juntos, fazendo-se um ao outro mais homem e mais mulher”²⁷.

Somos uma família que tem a ousadia de querer “fazer parte do sonho de Deus, a coragem de sonhar com Ele, a coragem de construir com Ele, a coragem de se unir a Ele nesta história de construir um mundo onde ninguém se sinta só”²⁸. Nós acreditamos que, através do exemplo nas pequenas coisas – pedir licença, agradecer, fazer a paz, reconhecer os nossos erros, pedir perdão – estamos a transformar o mundo, estamos a cumprir a vontade de Deus, edificando o Reino com que Deus sonha para todas as famílias e para toda a família humana.

Como esclareceu o Papa Francisco, “a nossa resposta a este mundo em guerra tem um nome: chama-se fraternidade, chama-se irmandade, chama-se comunhão, chama-se família”²⁹.

²⁶ Eloy BUENO DE LA FUENTE, “Quereis oferecer-vos a Deus? A Mensagem de Fátima como interpelação ao sentido da vida e da história humanas”, em Isabel VARANDA (coord.), *Quereis oferecer-vos a Deus? Horizontes contemporâneos da entrega de si*, Fátima, Santuário de Fátima, 2013, p. 215.

²⁷ FRANCISCO, *Discurso aos Noivos que se preparam para o matrimónio*, 14 de fevereiro de 2014.

²⁸ Idem, *A Alegria do Evangelho*, nº 324.

²⁹ Idem, *Discurso do Santo Padre na Vigília de Oração com os Jovens na XXXI Jornada Mundial da Juventude*, Cracóvia, 30 de julho de 2016.